

# Stadium

Nada mais bonito que o futebol! Quando se joga bem, então, todas as tintas de beleza valorizam quadros como este que o leitor pode apreciar. O desafio Sporting-Estoril foi fértil em atitudes atléticas, admiráveis, e para julgar assim será apenas preciso ver como Oliveira, Travassos, Veríssimo, Bravo e Vasques sobem para uma bola alta. Lindo — o bom futebol!



# Estoril é a surpresa do Torneio

## O Benfica não larga o posto da cabeça mas o problema não está resolvido!

Crónica de TAVARES DA SILVA

**C**hegámos ao fim da 1.ª Volta da chamada Taça de Honra de Lisboa, um dístico de campeonato como outro qualquer... O Benfica não largou — parece firmemente resolvido a não largar — o posto da cabeça, mas o problema está longe de poder considerar-se resolvido. Os benfiquinhos estão a ser perseguidos directamente pelo Sporting e Atlético, qualquer deles sómente com dois pontos de diferença, não esquecendo o Estoril que, um pouco mais atrasado, revela uma capacidade que não pode ser posta de lado. Belenenses está a descer em vertigem de modo que aflige, e Oriental representa naturalmente, sem razão para grandes admirações, o papel de lanterna-vermelha.

A jornada que fechou a 1.ª Volta não serviu para esclarecer a situação. Ainda bem. Os torneios são tanto mais interessantes quando mais confusa for a situação, e o ideal é que um não se adiante tanto — que os outros já não possam chegar ao título ou agarrá-lo!

Nas Salésias verificou-se um resultado-surpresa. Para as bandas do Lumiar sucedeu o mesmo. Os leões fugiram da derrota — por um fio. O Estoril está a desempenhar grande papel no Campeonato. A melhoria do Atlético também é causa de animação.

A tabela está ordenada do seguinte modo:

*Benfica* 13 pontos, 3 vitórias e 2 empates, 19 bolas a favor contra 7; *Sporting* 11, 2 vitórias, 2 empates e 1 derrota, 22-10; *Atlético* 11, 2 vit., 2 em. e 1 der., 9-8; *Estoril* 10, 2 vit., 1 emp. e 2 der., 20-20; *Belenenses* 9, 2 vit. e 3 der., 5-10; *Oriental* 6 pontos, 1 empate, e 4 derrotas, 5 bolas a favor contra 25. Todos os clubes estão com cinco jogos.

**O Atlético alcançou uma bola solitária e soube defendê-la...**

**O** Atlético conseguiu vencer nas Salésias! Sem favor — os visitantes marcaram a bola solitária. Os azues nem sequer chegaram ao empate. Mas o Atlético podia até ter chegado mais longe, e isto significa que o seu triunfo teve características de normalidade.

*Belenenses* — Sério, Vasco, Feliciano, Figueiredo, Quaresma, Serafim, Mário Coelho, Pereira Duarte, José Viegas, José Pedro e Teixeira.

*Atlético* — Ernesto, Baptista, Castro, José Lopes, Armindo, Moraes, Martinho, Gregório, Vital, Guedes e Caninhas.

*Arbitro* — João dos Santos Júnior.

A primeira parte acabou com os grupos empatados a zero bolas. Talvez que o Belenenses tivesse exercido mais domínio territorial. Mas nenhum dos grupos teve vantagem acentuada sobre o outro. Da parte a parte, os grupos deram-se a futebol confuso, perdida a ideia do conjunto nos rasgos e individualismos sem carácter.

No entanto, a combinação do Atlético era um pouco mais perfeita, nas tentativas de uma passagem mais precisa. O Atlético revela ainda vários defeitos, mas o que importa salienta é que os seus elementos abandonaram a toada do futebol ao acaso, procurando inteligentemente ligar esforços. Por isso não se concebe que os avançados se mantenham na mesma linha, em campo, não se desmarcando para a recepção do passe e seguimento dos golpes.

A segunda parte começou, praticamente, com o golo da vitória atlética. Aos dois minutos, aproveitando a desatenção de uma defesa embrulhada pela asa esquerda atlética, Caninhas mudou a bola do pé esquerdo para o direito, no geito de jogador de categoria, e marcou sem remissão.

De aí para o fim acentuou-se a desorganização belenense. Vasco continuou a insistir, agora, com mais frequência, nas suas incursões, quebrando a interdependência de toda a defesa, e o Atlético defendeu-se com invulgar energia.

Devemos dizer: defendeu-se nos golpes que eram de defesa, mas atacou quando havia de atacar. E de tal modo que, em frente das balizas do Atlético, raramente houve a impressão de perigo de morte, ao contrário do que sucedia nas redes belenenses. O Atlético, com um pouco de tranquilidade nos momentos culminantes, teria obtido um total mais cheio de bo-

las, dada a forma como a defesa belenense abria o seu terreno.

Tenha-se em conta que o logo foi disputado com velocidade, e que os atléticos se empenharam na luta com muito brio.

No Belenenses, a defesa mostra abaixamento. Mesmo porque a base Feliciano não está em forma apurada. Figueiredo jogou rasoamente no 1.º tempo, e depois afinou pelo lamiré do conjunto. Na frente, como avançado-centro, extrheu-se o marroquino (que é português) José Viegas, o qual deu a impressão de pouco saber, de inexperiência e falta de mobilidade.

No Atlético brilharam dois nomes — Ernesto e Caninhas. O primeiro fechou a porta à chave, e o segundo abriu sempre a porta do adversário sem ser com chave falsa, com um talento de jogo que é já uma realidade. Mas todos os elementos se esforçaram e cumpriram. A maneira generosa como todos se bateram justifica o resultado. O Atlético não passou da bola solitária. Essa, porém, defendeu-a tenazmente. Com indomável fúria!

**Os «leões» empataram no último apito!**

**N**O Estádio Alvalade verificou-se um resultado que pode considerar-se surpresa. No seu lar e com a sua poderosa linha de ataque, os leões tiveram de derramar sangue para alcançarem o empate...

*Sporting* — Azevedo, Juvenal, Manoel Marques, João da Cruz, Barroso, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques Pyroteo, Travassos e Albano.

*Estoril* — Sebastião, Pereira, Eloi, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

*Arbitro* — António Rodrigues dos Santos.

Na primeira parte, o Estoril conseguiu melhor nota. Em conjunto, isto é, na movimentação geral da defesa para o ataque ou vice-versa, a equipa mostrou-se equilibrada, ainda que os lances mais brilhantes da partida corressem a cargo da linha de ataque sportinguista.

Os leões chegaram a 2-0, com goals de Vasques, aos 14, e de Travassos, aos 36 minutos. Desenhara-se uma verdadeira vitória fácil — que havia de ser um difícil empate!

Aos 38 minutos, Barroso enfiou a bola nas suas próprias redes — e fez-se noite! Aos 40 minutos, Vieira estabeleceu a igualdade 2-2, e aos 42 minutos, Pyroteo, fixou

o resultado do primeiro tempo em 3-2.

Quer dizer, em 6 minutos marcaram quatro bolas — o que indica claramente ataques mais fortes, e defesas fracas. E o jogo interessava grandemente — como é de se julgar...

Na segunda parte, o Sporting começou ligando bem, mas rematando mal.

Precisamente o contrário do Estoril, cujos remates correspondem ao jogo de ataque. Raul Silva empatou aos 12 minutos. Seguiu-se um quarto de hora inteiramente do Estoril, com mais dois goals: de Lourenço, aos 20 minutos; e de Raul Silva, aos 26 minutos.

A vitória do Estoril parecia certa! O Sporting, nunca desanimando, mostrou-se então à altura das circunstâncias. A sua gigantesca insistência deu-lhe a 4.ª bola, aos 42 minutos, fruto de Pyroteo. Esta, já no prolongamento dado pelo juiz de campo para compensar as bolas fora, arrancou ao menos o empate!

A segunda parte do Sporting foi muito boa. Mas há a notar o gravíssimo erro de colocar num posto de muita responsabilidade um homem já passado. Também a defesa não se entende lá muito bem, e o seu valor está muito abaixo de aquele que revela o ataque.

O Estoril tem um grupo muito homogêneo, não se notando altos e baixos, e o seu futebol é de boa qualidade. São homens que jogam há muito tempo uns com os outros, ligados, no mesmo quadro, e o hábito gera a harmonia.

**O Benfica venceu facilmente!**

**O** mal está em os teams se acostumarem às goleadas. Vão perdendo por esse facto a confiança nas suas faculdades, e ainda rendem menos do que aquilo que na verdade valem! O Oriental está a atravessar o seu mau período, e é nestes momentos que todos devem conservar a serenidade precisa — para darem a volta um dia, no momento oportuno.

*Benfica* — Rogério, António Maria, Mário Reis, Moreira, Félix, Fernandes, Calado, Arsenio, Espírito Santo, Melão e Baptista.

*Oriental* — Reis, Abana, Moraes, Isidoro, Segismundo, Cruz, Augusto, Abrantes, França, Vicente e Moura.

*Arbitro* — Domingos Codinho.

O Benfica venceu com relativa facilidade, não sentindo a necessidade de carregar a fundo. Limitou-se a contrair as triangulações, sem pressas nem precipitação, e as bolas foram-se anichando nas balizas inimigas com um facto natural e lógico.

A primeira parte acabou com 3-0, golos de Calado e Arsenio, e uma grande penalidade, talvez rigorosa, que o mesmo Arsenio transformou com perícia.

No segundo tempo, comportando-se o Oriental melhor, os goals aumentaram! Há destes casos: aos 26 Arsenio; aos 31 Espírito Santo; aos 43 Baptista, um goal-fantasma; aos 44 minutos Arsenio.

Futebol um pouco vagaroso! Do próprio resultado se infere que o Benfica esteve sempre ao ataque, desenvolvendo os golpes sem dificuldades. O team actuou

## AOS CLUBES DESPORTIVOS

Não comprem material desportivo sem consultarem uma casa especializada, que importa directamente das mais importantes fábricas do género, e aos melhores preços

**A. M. SILVA ARMEIRO**

Rua da Betesga, 67 - LISBOA  
Telefones 3 1313 e 3 1314

# Um ponto de vantagem

## não serve para descanso do Operário, que domingo jogará com o Casa Pia...

Os últimos resultados: Casa Pia-Sacavenense, 2-0; Operário-Olivais, 3-2; Futebol Benfica-Arroios, 3-2.

Como se verifica por esta breve indicação, três equipas procuram segurar-se nos postos da vanguarda: — Casa Pia, Operário e Futebol Benfica.

Os casapianos, que no domingo anterior haviam colocado o Futebol Benfica na dependência do Operário, conquistaram agora dois pontos preciosos, contra o Sacavenense, equipa vencedora do S. L. e Olivais e portanto já acreditada no actual torneio.

De certo, o Casa Pia pensa justificadoamente no título, e espera que a segunda volta lhe favoreça a esperança. Vê-se que assim pode acontecer, por não faltarem possibilidades firmes aos «gansos», mais uma vez demonstrada no decorrer do jogo de Sacavem. E foram demonstrados por lhe faltar apoio do público, um tanto mal inspirado e com atitudes aborrecidas depois do próprio jogo.

Também o árbitro se viu forçado a expulsar dois homens de Sacavem, um em cada parte. Mal vai ao futebol se estes incidentes não param de vez. Já era tempo de existir nos espíritos a necessária disciplina, vontade honesta de servir o jogo e o público que se molesta com situações aborrecidas.

E não diremos mais, por desnecessário e até por decore. Não se lucra nada com informações deste quilate...

Os casapianos obtiveram os dois pontos na 2.ª parte, por intermédio de Prates e António Dias. Guardam os vencedores o próximo jogo de grande cartel e de grande influência para a classificação. Realizar-se-á no seu

campo da Amadora, contra o Operário, que ainda segue em 1.º lugar, apenas com um ponto de vantagem.

Como se vê — deve recomendar-se atenção ao próximo domingo.

Eis como alinhar os vencedores:

Cardoso; Vasco e Octávio; Rui Medeiros, Júlio e Pais; Eusébio, Dias, Prates, Coutinho e Rocha.

O Operário *salvou-se* com dificuldade. Ganhou pela mínima diferença ao S. L. Olivais, disposto a dar melhor luta e tam-

bém a quebrar o enguiço. A equipa vencedora precisou de duas grandes penalidades para segurar o resultado, e isto diz-nos alguma coisa sobre o modo como a filial dos encarnados do Lisboa procurou cumprir.

Bem precisa de vitórias que possam garantir-lhe sossego para o final do campeonato. O último lugar, quando tem de se impedir a entrada de outra equipa animosa, pesa sempre muito.

Sabe tudo isso o Olivais, que na última época se viu com alegria na Divisão que ocupa e

já lhe pertencera anteriormente.

Por último, o Futebol Benfica-Arroios. A equipa de «Francisco Lazaros» também não pôde ir além de 3-2, no seu próprio campo. Digam-se ainda que os donos da casa obtiveram igualmente dois pontos de grande penalidade, e que o jogador Quirino foi autor dos remates fatais.

O Arroios, embora lutando com pouca facilidade, pois duas mãos desproporcionadas de um seu defesa alteraram-lhe as pretensões, ainda conseguiu chegar ao intervalo com 2-1 a seu favor. Jogou-se futebol rijo, mas não se passou disso, e o público adepto teve ocasião de vibrar com a excelente resistência dos vencidos — no domingo com equipa capaz de uma forte surpresa.

Continua o Futebol Benfica a um ponto do Operário. Aguarda o jogo entre o Casa Pia e os ex-rapazes da Graça para ver em que situação ficará a prova. Do que não restam dúvidas, nesta altura, é do valor do torneio, onde 3 equipas espertam com todo o cuidado os deslizes que possam surgir...

## ATLETISMO

# MATOS FERNANDES vencedor do Decatlo

## altrapassou os 6.000 pontos

COM oito dias de atraso, disputaram-se no sábado e domingo, em Lisboa, as provas do decatlo que em 1946 não figuravam no programa nacional.

A prova deste ano reuniu oito concorrentes, mas, em boa verdade, apenas um decatlonista; os outros participantes, compareceram para, em boa camaradagem, darem o aspecto de competição ao que era, afinal, um «walk-over».

Matos Fernandes, o nosso atleta mais completo, trabalhara metódicamente para este concurso e conseguiu melhorar o seu recorde nacional, elevando-o de mais 85 pontos e colocando-o além dos seis milhares: 6075 pontos.

Com esta marca, o campeão português ter-se-ia classificado em 15.º nos últimos jogos olímpicos, onde o americano Morris estabeleceu recorde mundial com 7900 pontos, assim desmembrados: 100 m. em 11,1 s.; 6.º97 em comprimento; 14,15 com o peso; 14.º85 em altura; 400 m. em 49,4 s.; 110 m. barreiras em 14,9 s.; 43.º025 com o disco e 54.º52 com o dardo; 3.º50 com vara; 1500 m. em 4 m. 32,2 s.

Não foi ajudado pela felicidade, nesta competição, o valoroso representante do Benfica; o tempo poz-se de mal com ele: vento contrário forte nas corridas e nos saltos, chuva abundante na noite de sábado para domingo e durante a segunda jornada, a qual tornou a pista pesada e difícil.

Só assim se compreende que os tempos dos 100 m. 1500 m. e das barreiras — sobretudo este último — tenham sido piores do que em 1945, quando a forma geral do

atleta era evidentemente melhor.

Os resultados do vencedor foram: 100 m. em 11, s. 710 p.; 6.º80 em altura, 786 p.; 400 m. em 52,4 s. 745 p.; 110 m. barreiras em 17,3 s. 618 p.; 36.º34 com o disco, 606 p.; 2.º80 com a vara, 431 p.; dardo a 40.º24, 418 p.; 1500 m. em 4 m. 39,4 s. 548.

A classificação dos restantes foi como segue: Martins Vieira, 4628 p.; E. Eleutério, 4101 p.; Santos Vieira, 3980 p.; Maniz Pereira, 3723 p.; José Luis Silva, 3504 p.; Anselmo Pereira, 3237 p.; Eduardo Cunha, 2860 p.; este úl-

timo concorrente sofreu de num acidente no salto com vara, pelo que não compareceu nas duas provas finais, dardo e 1500 metros.

O Decatlo não merece grandes comentários, porque só Matos Fernandes demonstrou capacidades dignas de consideração; melhorou no geral, pode ainda ganhar mais uma centena de pontos mas não irá muito mais longe. Sob o ponto de vista do valor internacional, o que mais nos interessa num atleta da sua categoria, tem maiores possibilidades nos 400 m. com barreiras do que no decatlo, onde fraqueja irremediavelmente nos lançamentos e no salto com vara.

Assinala-se ainda: a prova de 400 m. de Eugénio Eleutério que cobriu a distância, correndo só, em 53,6 s., o que prova reais aptidões para a velocidade prolongada; os 11,9 s. de Martins Vieira nos 100 m., e o lançamento do peso a 10.º20 pelo principiante Eduardo Cunha.

Seria interessante, — impossível pelo adiantado da época — reunir ainda num Decatlo nacional, o campeão Matos Fernandes com Edgard Tamegão, Alvaro Dias e Montalvão Fernandes, os únicos atletas portugueses que possuem classe para lhe dar relativa luta, quando convenientemente preparados.

Se os dirigentes tivessem perdido menos domingos com pseudo-torneios de preparação, aos quais apenas compareciam os que não precisavam de ser preparados, este confronto teria sido realizável. Esperemos pelo ano próximo, se houver vontade e bom senso.

em bloco. Era um cilindro que rolava sobre um corpo com vocação de vítima. O Oriental tentou, por vezes, episódicamente, golpes de ataque. Mas não tinha forças suficientes para insistir na ofensiva, regressando portanto ao jogo de defesa. O seu guarda-redes, um novo elemento, revelou qualidades. Toda a defesa do Oriental mostrou maior poder que o ataque.

Arsénio subiu alto! Em tarde de boa disposição, jogou com eficiência e alegria. Está manifestamente em boa forma. Espírito Santo orientou o ataque com mestria. Enquanto que António Maria se adapta parecendo a de Mário Reis um pouco mais difícil. O Benfica descobriu — excelente coisa! — nas suas fileiras um jogador. Chama-se Calado e tem planta!

T. S.

## Desportistas

Consulte-nos sempre que pretenda adquirir BOLAS para todas as modalidades desportivas, botas para futebol e andebol, joelheiras, canelêiras, pés elásticos, raquetes para ténis, patins da melhor procedência, mochilas para campismo com e sem armação metálica (tubo Bergman), e todo o material para desporto

Representante da mais importante fábrica Norte-Americana, THE DRAYPER  
MAYNARD C.º

**A. M. SILVA**

Rua da Betesga, 67

LISBOA

Telefones PBX 3 1315 3 1314

Salazar Carneira

# Se não vestir a camisola do BENFICA abandonarei o futebol

... disse-nos Leitão, o prometedor futebolista, cuja «carta» foi recusada pelo ORIENTAL



António Correia Leitão. Teria este jogador, involuntariamente, separado dois clubes? — Et-lo, a treinar, num exercício de jogo de cabeça, sob as vistas de Lippo Herika...

**P**OUCAS vezes duas facções clubistas se terão debatido numa «guerra de nervos» tão pronunciada, como esta que há cerca de dois meses vem sendo travada surdamente em redor da «posse» de António Correia Leitão, o habilidoso jogador incluído há duas épocas nos juniores do extinto Fósforos, e que na época finda alinhou a extremo-direito do Oriental, sucessor daquele e dos outros dois clubes da zona.

Possuidor duma acentuada intuição para o jogo da bola, com um largo futuro na sua frente — tem apenas 19 anos —, não admira que os «Grandes» lançassem as suas vistas sobre ele. Pretenderam-no, ao que parece, o Sporting, o Belenenses e o Benfica. Foi este último, porém, que levou a melhor, porque a tendência do rapaz — é ele quem no-lo diz — era mais para as «águias».

Tentou-se a transferência. Mas não se contou com a intransigência, firme que nem penedo, do clube que o possuía: o Oriental. E aqui começa a tarefa de ser desta reportagem.

Em Marvila pergunta-se: o Leitão alinha ou não alinha?

E' idêntica a interrogação nas hostes do Campo Grande: o Leitão joga pelo Benfica?

Entretanto, disseram-nos que ele treinava neste último, embora sem transferência autorizada, no desejo de manter a «forma». Por isso ali fomos, numa manhã destas, chuvosa e fria, verdadeira manhã outonal, para o ouvirmos.

Púzesmo-lhe a primeira pergunta:

— Sim, e não — responde-nos imediatamente. Sim, porque me encontro no clube a que desde pequeno dedico especial afeição. Não, porque ainda me não foi possível defender em campo as suas cores, e esse seria o meu maior desejo.

— E' então benfiquista por idealismo?

— Absolutamente. Quando,

há duas épocas, iniciel a minha carreira de futebolista, pelos juniores, foi aqui no Campo Grande que fiz os primeiros treinos. Se não fiquei por cá, foi apenas por ser empregado na S. N. Fósforos e «sentir» que era no grupo desportivo dos seus empregados que deveria alinhar. Como vê...

Concordamos, com um sorriso e um sinal de cabeça. Entretanto, e porque no treino o viramos alinhar a interior-esquerdo, quando o seu lugar na equipa do Oriental era o de extremo-direito, estranhámos...

— Gosto mais do lugar em que treino actualmente. Dá-se mais com o meu temperamento. Sinto-me mais à vontade. Será nele que alinharei no meu futuro clube, quando «este assunto» estiver arrumado...

Leitão dera-nos a «deixa» para a nossa «entrada». Por isso a aproveitámos:

— Conta disputar jogos oficiais na presente época?

— Pois claro!...  
— Pelo Benfica? — perguntámos-lhe...

— Por ele, ou por nenhum! — disse-nos Leitão, num tom convincente. Consta-me que as «coisas» estão no bom caminho. Conto que seja assim, pois se não vestir a cam'isola do Benfica, não envergarei qualquer outra.

Fazemos-lhe notar o recurso que tem de uma época de inactividade oficial, para automaticamente estar «livre» na próxima. Mas ele diz-nos com energia:

«E' muito para mim uma época inteira «parado». Não joga por distração ou interesse material, mas pelo prazer que o jogo me dá. Se não for autorizado a alinhar na

presente época pelo Benfica, que é o meu clube, garanto-lhe que não jogarei mais. Prefiro abandonar a prática desportiva.

— A prática desportiva ou a do futebol?

— E' o único desporto que pratico. Mais nenhum me prende:

Perguntamo-lhes, depois: — Se houver persistência na recusa de passagem da «carta», volta ao Oriental?

— Não. Ou o Benfica, ou nenhum. Não veja nesta afirmação qualquer ressentimento contra o clube onde alinhel. Ela não existe. Quero, apenas, vincar, com ela, que o meu muito amor ao mais popular clube de Portugal é que me leva ao anseio de deparar representá-lo. Desde pequeno que sinto uma estranha atracção pela camisola rubra. Desde os meus primeiros pontapés numa «trapeira» que sinto o desejo de «ser benfica»...

Pensámos, durante o pequeno silêncio que ficou palrando entre nós, na acrisolada dedicação deste rapaz pelo clube a que o não deixam pertencer, e isso nos leva a recordar um boato que há dias circula com insistência: o da sua ida breve para Lourenço Marques.

Queremos confirmá-lo, ou desfazê-lo, e nada melhor do que esta pergunta:

— Que há sobre a sua viagem até Africa?

— Tive, realmente, uma proposta dum parente para um emprego bancário que ele me arranjou em Lourenço Marques. Mas isso não é de agora...

— E pensa aceitá-la?

— Não, diz-nos Leitão. Já em tempos a recusel. Voltei a recusá-la agora.

Folgamos com a resposta, na medida em que ela vai lançar o sossêgo no espírito da família benfiquista.

Olhámos o relógio e verificámos ser tempo de dar «liberdade» ao nosso companheiro de cavaco, que necessitava de ir às suas ocupações profissionais. Vamos deixá-lo, portanto, com mais uma pergunta, a última:

— Gostaria da internacionalização?

Leitão sorriu, num sorriso largo, de felicidade. Há nos seus olhos um brilho estranho quando nos diz, ao mesmo tempo que nos aperta a mão, vigorosamente, para a despedida:

— Ainda é cedo para pensar nisso... Bem vê... tenho 19 anos, no limiar dos 20. Mas se ela um dia chegar, e a minha ambição maior... Essa, e a de me ser possível envergar a camisola do Benfica, na presente época, em jogos oficiais.

— Oxalá assim seja! — dizemos-lhe já de longe.

J. ROSA DE MATOS



Fotos JORGE GARCIA

O jogador de futebol faz ginástica! Leitão, num exercício...



Leitão, dezanove anos sãdios, chega ao campo do Benfica para treinar

**P**ara os cofres dos clubes da Liga de Futebol está a correr cada vez mais dinheiro; só nas primeiras três semanas desta época no Reino Unido já mais de 5 milhões e meio de pessoas assistiram a jogos de futebol. Por isso o interesse mais uma vez se concentra sobre o direito que assiste aos jogadores de partilhar desse dinheiro, que eles atraem as bilheteiras, numa proporção maior.

Esses homens, alguns dos quais pela sua personalidade e pela arte do seu jogo, fazem acorrer 10 a 15.000 pessoas, durante muito tempo têm sofrido verdadeiros agravos nos seus ordenados, em proporção com o dinheiro que o jogo rende, e também presentemente com o actual sistema de transferências, «verdadeiro mercado de escravos».

Os outros argumentam, com verdade ou sem ela, que os clubes os procuram num verdadeiro mercado de futebol. Uma estrela de teatro ou de cinema, acentua-se, pôde exigir pagamento proporcional à quantidade de dinheiro que atrai às bilheteiras da empresa. Porque é então que o futebolista não terá o mesmo direito? Seria extremamente difícil elaborar uma escala satisfatória e conveniente de pagamentos segundo a competência do jogador, mas aproxima-se rapidamente o dia, e a União dos Jogadores está a fazer o mais que pôde para o apesar, em que eles não-de receber maiores prémios do que actualmente.

A atitude dos clubes é a de que o futebol é essencialmente um jogo de grupo cujo êxito depende da cooperação de todos os jogadores.

Um salário mais elevado pago a jogadores como Stanley Matthews, Tomy Lawton, Bobbie Steel, e a muitos outros só viria criar descontentamento nos vestiários, e o espírito de clube começaria a falhar.

## Os erros dos clubes

Mas um ponto de disputas mais intensas, que está a originar forte contenda, é o sistema de transferências, cuja abolição ou revisão está a ser pedida tanto pelos jogadores como por alguns dos clubes mais pobres. Além da objecção fundamental da compra e venda de jogadores, como se de gado se tratasse, o que parece indicar que o resultado do jogo é mais importante do que o próprio jogo, há ainda o caso do jogador. Este pretende que o clube ao transferi-lo devia ceder-lhe parte do prémio.

com a transferência, tal qual como um clube pode recusar o pedido de um jogador para se transferir, mas pouco se ganharia com a recusa. Os clubes devem equilibrar os seus orçamentos e se o dinheiro falha têm de transferir jogadores. Os regulamentos da Liga são de que nenhum jogador deve receber qualquer parte do prémio de transferência. Tudo aquilo a que tem direito é, da parte do seu clube, 10 libras por assinar a fixa e uma parte que pôde ir no máximo até 750 libras, após 5 anos de serviço regular na 1.ª categoria do clube.

## Encarando o futuro

O moderno jogador, mais inteligente e esclarecido no seu conjunto do que os seus predecessores, pensa com muita razão no futuro. A média do tempo de actividade não é para o futebolista, mais

ativos) ilegais aos jogadores, sobre o que a Liga de Futebol está agora a fazer investigações.

O presidente da União de Jogadores, Jimmy Guthrie, também antigo jogador, disse-nos: «Os salários foram conservados em nível baixo enquanto os prémios de transferência têm ultrapassado tudo.

Os jogadores que são transferidos por quantias que vão além de 5 algarismos não estão satisfeitos com a parte que lhes toca, limitada a 150 libras por cada ano de serviço, com o máximo de 750 libras».

## Poucos seriam os insatisfeitos

Guthrie crê que a solução justa seria os clubes dispenderem o dinheiro que actualmente gastam

UM EXCLUSIVO DE «STADIUM»

## FUTEBOL, NA INGLATERRA

# O SISTEMA DE TRANSFERÊNCIAS OU «MERCADOS DE ESCRAVOS»

pele jornalista e técnico inglês J. J. DAVIS

de 10 anos. Descontando os ferimentos e doenças, provavelmente, faz uma média de 30 jogos da Liga, por época. Em 5 anos tem direito a um máximo de benefício de 750 libras, ou seja a uma soma de 150 libras por ano. A sua remuneração permanente, nos termos do tribunal de arbitragem nacional, é de 5 libras, respectivamente, no verão. A isto é preciso acrescentar um prémio de 2 libras por cada vitória e 1 libra por cada empate.

Isto não permite muito a um jogador preparar-se para o dia em que por fim tenha de largar as botas;

em comprar jogadores, no aumento dos salários. Disse-nos: «Haveria poucos jogadores insatisfeitos se um prémio de, por exemplo, 5 libras, em vez de ser gasto a pagar um jogador o fosse a pagar 25 libras por semana aos jogadores. Os clubes poupariam de facto dinheiro».

Os clubes mais pobres acentuam que sem o sistema de transferências e sem limite para os salários, todos os melhores jogadores serão arrebatados pelos clubes mais ricos. Guthrie replica: «Os clubes ricos sempre conseguem melhores jogadores, em toda a parte».

Na Escócia, onde não há limite para a parte que toca aos jogadores, no seu prémio de transferência e onde não há máximo de salários, os melhores jogadores são atraídos para os clubes ricos, dando como resultado que a Liga e a Taça são dominadas por clubes como o Rangers, Celtic, Aberdeen, Hibernian e Hearts.

Stanley Matthews, o célebre ponta-direito inglês, que foi objecto de uma dessas transferências com o Stock City antes de ir para Blackpool, mostra-se favorável a um sistema de benefícios gradual. Sugere que todos os jogadores devam ser avaliados, no seu valor financeiro, por qualquer organismo como a Associação de Futebol, e no fim de 3 ou 5 anos teriam um prémio, segundo o valor. O seu conselho é: «Conserve-se o jogador satisfeito financeiramente, e não terá desejo de se mudar».

## Pondo termo às mudanças

Um director dum clube importante pensa que uma das soluções seria pagar ao jogador 10% do seu prémio de transferência após 3 anos de estadia no novo clube, e permitir-lhe unicamente essa parte nos prémios de transferência, em toda a sua carreira. Os 3 anos de espera podiam vir a ser um travão aos desejos de os jogadores mudarem.

Isso é bastante razoável mas parece-me que o plano pôde ser melhorado, tendo por base uma participação do jogador, na medida do tempo que prestar serviço ao seu clube. Isto viria também pôr termo às práticas dos chamados pagamentos ilegais.

Incidentalmente o primeiro prémio de transferência de milhares de libras foi pago em 1905, quando o Middlesbrough obteve do Sunderland o jogador Alf Common. Desde então tem-se progredido até ao ponto do Arsenal pagar ao Wolves 14.000 libras por Bryn Jones, em 1938, cifra que foi ultrapassada na época finda quando o Derby Country pagou a soma excepcional de 15.500 libras a Greenock Morton pelo interior-esquerdo da Escócia Bobby Steel.



Matthews, um fenómeno, uma das mais caras transferências do Inglaterra, no seu estilo pessoal, tenta driblar Francisco Ferreira. O médio Moreira e o interior Mannon aguardam o desenvolvimento do lance...

A muitos dos clubes tem que se atribuir o descontentamento que reina nos jogadores, por terem dado tanta publicidade e apreço tão alto os negócios das transferências. É absolutamente o contrário do regulamento da Liga o qual diz que os clubes não devem revelar os prémios da transferência. Os jogadores têm assim a impressão de que, se os seus serviços são tão desejados para o êxito de um clube, ou se eles são os meios de levar dinheiro aos clubes com a sua «venda», deviam tirar desse negócio algum proveito.

É claro que um jogador pôde não concordar

desta forma não se lhe pôde reprovar o tentar tirar o mais possível do jogo. A União dos Jogadores, que fez muito para melhorar a qualidade do futebolista profissional, apoia energicamente a sua causa. A sua última sugestão é que os jogadores devem obter 20% dos prémios de transferência de 5.000 libras ou mais.

Está também a realizar-se um esforço para conseguir dar aos jogadores contratos e salários como os que têm os outros personagens de diversões tais como as estrelas do cinema e do teatro. Isto, segundo se pensa, viria eliminar as ofertas e «incen-

# O CLUBE DOS CASAPIANOS

**pratica o amadorismo  
luta com apurmo e entusiasmo  
e vai ter um campo...**

Os clubes da 2.ª Divisão da A. F. L. estão disputando a sua habitual prova, como sempre, animados pelo desejo de contribuirem com a sua cota parte para a propagação do jogo da bola.

Há que reconhecer a este grupo de clubes características valiosas de interesse e dedicação, arrotando com suas dificuldades mas resistindo a toda uma série longa de azares.

Vejamos por isso, neste princípio de época do futebol lisboeta, o que observamos junto dos clubes da 2.ª Divisão. Visita breve a cada clube, às suas sedes, modestas mas de ambiente simpático, ouvindo os seus dirigentes, conhecendo dos seus anseios e projectos.

Dos actuais, Casa Pia, Operário, Sacavenense, Futebol Benfica, Arroios e Olivais, são os casapianos os de mais brilhantes tradições, já com a sua permanência na Divisão de Honra e um passado intimamente ligado ao progresso e prestígio do futebol em Lisboa.

Foi o primeiro que visitámos, surpreendendo nessa noite os seus directores em reunião.

Envolve este clube uma orientação e um significado diferente de todos os outros. Idealizado para ver o clube de todos os antigos alunos da Casa Pia, tem sempre cumprido essa honrosa missão a que se votou, quer em funções recreativas, de desporto ou sob o aspecto de auxílio a casapianos que dele necessitem.

O Casa Pia A. C. continua trilhando o seu caminho com dificuldades mas sem desfalecimentos, impondo a orientação que sempre tem dignificado os seus propósitos de clube formado para ser de todos os casapianos — dizem-nos o presidente da direcção, sr. António Gomes Marques e Elias Pereira o dedicado director da secção de futebol, apoiados pelos restantes directores srs. Manuel Costa, Gabriel da Silva, Artur Pais, Luís Gomes e Mateus dos Santos.

«E' uma tradição — continuam — que pretendemos ver sempre prestigiada e engrandecida. Que o Casa Pia A. C. é o reflexo da boa e sã camaradagem que se vive enquanto decorrem os anos de estudo no modelar estabelecimento de ensino onde nos criámos.

«Vive-se o desejo de atingirmos uma melhor situação desportiva à base de uma união que ligue mais estreitamente a família casapiana.

O futebol é ainda o nosso desporto e praticamo-lo, não sob o aspecto do amadorismo integral

mas naquela faceta de amadorismo que melhor se pode fazer no nosso país. Os jogadores do Casa Pia são todos amadores e não se pode interpretar por falso amadorismo o auxílio que prestamos a um casapiano desempregado. Fôra isso, só o pagamento de passagem; e não a todos.

— O futebol no Casa Pia está um pouco longe dos tempos antigos do Clube do Restelo, atalhámos...

— Atrazamo-nos um pouco quanto à evolução do futebol, mas esse facto devemos-lo à falta de campo de jogos. O que temos lutado e sofrido com esse inconveniente! Hoje, treinamos no campo da F. N. A. T., amanhã já temos de ir para o campo do Cascalheira, e assim temos andado...

— Há possibilidades de conseguirmos um campo?

O directores entreolharam-se... Nesse troca de olhares descobrimos que havia alguma novidade. Insistimos, e à nossa frente des-



1.º PLANO: Eusébio, Toi, Prates, Gerção e Roche. DE PÉ: Cardoso, Santos, Júlio, Vesco da Game, Carvalho e Pais

dobrava-se daí a pouco a planta do novo campo, já em local marcado dentro de Lisboa. Com visível satisfação os directores do Casa Pia dão-nos a novidade de, muito brevemente, assinarem a respectiva escritura de posse do terreno.

— E' uma grande alegria vermos finalmente substituído o Restelo — exclamam.

— Voltamos a apreciar a planta.

— O campo tem as dimensões internacionais circundado por uma pista de atletismo, bancadas, campo de basquetebol, isto para já. Para depois... uma piscina, e tudo o mais que pudermos. Com o nosso campo sentimo-nos gente

grande — diz-nos o dedicado casapiano Elias Pereira.

— O vosso grupo desta época?

— Orientamos o nosso trabalho no sentido de formarmos uma equipa jovem, ou rejuvenescida. A' parte um ou outro elemento, os restantes são jogadores com o máximo de duas épocas e a média de idades está nos 23 anos.

«E apresentamos este ano um grupo de juniores.

— Tudo casapianos?  
— Absolutamente! Praticantes do desporto no Casa Pia só os que são da Casa Pia...

— Outros desportos?

— O basquetebol, tiro e ciclismo. Quando tivermos o nosso campo voltaremos ao atletismo, reunindo os nossos valores que andam dispersos por outros clubes.

«A ginástica é ministrada aos nossos atletas pelo professor Hipólito Pires e a frequência — temos orgulho em o afirmar — é total. A's aulas de ginástica no Casa Pia ninguém falta.

— Financiarmente?

— Grandes dificuldades. Temos 800 sócios. As despesas e os encargos são grandes. Não se esqueça que o Casa Pia como os outros clubes da 2.ª Divisão têm determinadas verbas iguais aos clubes grandes.

Dois mapas de Receita e Despesa, caíram sob os nossos olhos. Referem-se aos dois jogos desta época.

Com o Operário: Receita: 2:556.00; Despesas de organização: 1:634.00. Saldo: 392.40 para cada clube.

Com o Arrois: Receita 1:828.50; Despesa de organização 1:380.55. Saldo: 201.60.

— Se um auxílio viesse ajudar esta nossa honesta e entusiástica presença no futebol nacional!

Mas logo nos dizem animosos. — No entanto continuamos lutando pelo ideal desportivo e pelo nosso Casa Pia, misto de clube desportivo e de lar amigo e acolhedor de todos os casapianos.

— Os casapianos gostariam de voltar à Divisão de Honra da Associação de Futebol de Lisboa?

— Mas é esse o nosso desejo e é com essa convicção que trabalhamos e lutamos.

Fernando Sá

## COMPANHIA COLONIAL

---

## DE NAVEGAÇÃO

---

**Assegura o serviço regular  
de passageiros e carga  
para a África Portuguesa  
e Brasil**

**e de carga  
para a América do Norte**

# NOTAS DO BELENENSES ATLÉTICO



**H**AVIA curiosidade nos meios belenenses e fora deles, na apresentação do marroquino José Viegas no difícil posto de avançado-centro.

O rapaz começou bem! Logo na primeira avançada belenense, estando em frente das redes bem situado mas devidamente marcado, despediu instantaneamente um remate com o pé esquerdo de boa marca. Depois perdeu-se na confusão de um ataque confuso... Tendo começado bem — acabou mal.

**V**ITAL, o avançado-centro do Atlético fez um jogo razoável, mostrando a força do seu pé direito e a ineficácia do esquerdo.

O rapaz tem 21 anos e uma larga vida! Um dirigente do Atlético dizia ao nosso lado:

— É pena ele só jogar com o pé direito...

— Sem dívida! Mas seria muito peor se ele, não jogando com o esquerdo, também não jogasse com o pé direito...

**E**RNESTO, o guarda-redes do Atlético, elevou-se a vedeta do encontro. Mas executou muitas defesas blocando a bola e dando uma volta por dentro.

Ernesto seria uma vítima no tempo em que se carregava os guarda-redes, com o peito e tronco, destemidamente.

**H**Á uma espécie de jogadores-es-treantes dos quais se diz: «Temos de esperar mais tempo para ver do que ele será capaz». Ou então: «Vamos a ver se ele se adapta aos companheiros».

O marroquino José Viegas pertence à espécie.

**D**ESDE que joga no Atlético o ponta-esquerda Caninhas, ainda não havia marcado nenhum gol.

Dizia-se dele: — Joga bem, mas não marca bolas!

Canhinhas aguardou serenamente a sua vez de fazer golos. Tardou, mas também saiu obra acada. Caiu logo um dos «Grandes».

**Q**UANDO os belenenses vjsram perdido o Beelenenses, agarraram num motivo qualquer como válvula de escape;

— Mário Coelho para fora. É melhor mandar sair Mário Coelho!

E, todavia, no maior número de jogadas, o ponta-direita não tinha culpa...

Mas parte do público continuava a acusá-lo — para desculpar os outros...

**A** missão dos deanteiros é marcar bolas.

Nem sempre, acrescentaremos! De uma vez, a bola belenense caminhou direita à baliza atlética quando, ao encontrar José Pedro, se desviou para fora. Também há por conseguinte dianteiros que não deixam marcar bolas...

**O** melhor salto à bola, no ar, de todo o encontro, foi dado pelo marroquino.

O juiz de campo transformou o excelente golpe em livre. Os árbitros, por vezes, não gostam das boas coisas!

**O** nosso conhecido Amaro, no fim, comentava:

— E a relva estava tão boa...

Gregório está com a bola na altura própria! Ai vai remate digno do jogador, porque Feliciano não chegará a tempo de o evitar

Fotos MANIQUE

O Atlético ganhou o jogo e fez tudo para isso. Olá se fez! Veja-se como a sua defesa se aplica para travar o ataque de Belem

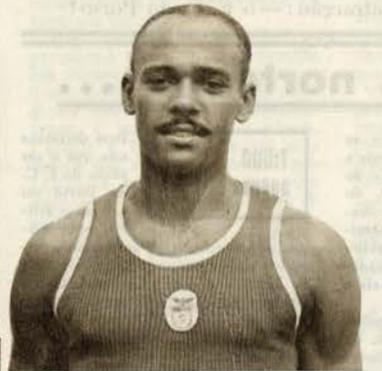


Outro ataque dos azuis das Salesias, evitado a tempo pela energética defesa alcantarense



## O DECATLO

Disputou--e como é hábito, um decatlo entre atletas lisboetas. Concorrem 8 dos melhores praticantes, mas o benfiquense Matos Fernandes manteve-se sempre no comando. Ganhou mais uma vez, e mais uma vez, também, com toda a justiça



O Grupo Desportivo da Imprensa Nacional encerrou a sua época de natação com um torneio, tendo por adversário o Batalhão de Sapadores Bombeiros. Disputou-se a «Taça Chefe Rodrigues», e os concorrentes mostraram-se aplicados e seguros dos ensinamentos recebidos

## ARCÁDIA

O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

Apresenta as Super-Atrações

IRIS et RIBEIRO

os principes da dança moderna

Ballet CIMARRO

extraordinário conjunto coreográfico sueco

NO PROGRAMA:

HERMANAS APARICIO

Abertura às 22 h. — Encerramento às 3 1/2. Exibição de Variedades às 24 1/2 e às 2 h.

# Stadium

## na Capital do Norte

## O campo

que «reaparece»...

## CURIOSIDADES...

Simple coincidência, por certo. Lembrámos no último domingo que deveria chamar-se um nome do Norte para o Grupo Seleccionador, dada a recusa de Tavares da Silva. Dizem-nos agora que foi chamado João de Brito, que vive em Lisboa. Desnecessário será informar: — João de Brito foi jogador, capitão geral e do 1.º grupo, campeão de Portugal e director — tudo isto no F. C. do Porto. Perlicencia ao Conselho Técnico da F. P. F. e já desempenhou funções de seleccionador.

♦♦ A Câmara Municipal do Porto está disposta a comprar aos campeões portuenses o terreno da Vilarinha. A notícia arrancou louvores entusiásticos à edilidade portuense. Desde que a compra se efectue, pode o F. C. do Porto viver descansado.

♦♦ Aguardava-se com muito interesse a solução de um inquérito ordenado pela A. F. P. a casos passados durante o jogo Porto-Salgueiros. Uma vítima apareceu desde logo. Mas isso não tem importância de maior... Salve-se o «prestígio» dos árbitros!

♦♦ A simples ideia ou noticia de que o F. C. do Porto utilizaria no campeonato nacional o campo da Constituição, modificou imediatamente o xadrez associativo. Havia, até agora, os sócios do F. C. do Porto, os do Académico, e os... do «Campo do Lima». Estes... desapareceram. E o F. C. do Porto começa a ter necessidade absoluta de seleccionar, porque o pedido de propostas é muito grande. No fundo, esta atracção: — o F. C. do Porto!

O infeliz Miguel Siska, ao contrário do que poderá supor-se, não foi abandonado, nem pelo seu clube nem por uma falange fiel de admiradores. Já o disse-mos oportunamente e será bom repeti-lo nesta altura de campanha amiga e muito justa.

Siska, o grande guarda-redes que Portugal inteiro viu jogar, o homem que mais entusiasma com os seus vãos fantásticos, as suas paradas com a bola alta, — guarda-redes que trouxe uma escola para o nosso país, a despeito dos seus 18 anos, — está em situação difícil porque muito grave é a sua doença. Alarmaram-se naturalmente os seus admiradores, que procuram, na medida das suas forças, atenuar os encargos de um dos maiores atletas do único clube que defendeu em Portugal.

Os amigos de Siska existem. Até os que não tiveram a fortuna de o ver jogar estão condoídos com a pouca sorte do simpático desportista.

Bate-mo-nos sempre pelas boas iniciativas. E esta de transformar o Campo da Constituição é sem dúvida bem digna dos nossos sinceros aplausos. Se for por diante, como julgamos, trata-se sem dúvida de uma boa iniciativa. O F. C. do Porto tem andado a mendigar favores, a discutir preços com outros campos, valorizando-os com a presença da sua equipa de honra, aquecendo-os com o aplauso dos seus admiradores.

Ora, se puder servir-se com o velho Campo da Constituição, parece-nos que resolverá de momento parte do seu problema. A outros clubes tem sacrificado dinheiro e popularidade. Ao fim de cada época, parecendo que, não grande prejuízo deve ter sofrido a mais popular agremiação nortenha. Deste modo, dentro do seu verdadeiro ambiente, talvez o F. C. do Porto possa ganhar mais forças para lutar sozinho.

As noticias que nos chegam são boas: o F. C. do Porto gastará cerca de 300 contos, não há dúvida alguma, mas o Campo da Constituição, mesmo construído o Estádio das Antas, ficará a valer muito dinheiro. Tão central como está, renovado, o campo pode servir o próprio clube para outras modalidades. É um grande passo do F. C. do Porto. Não deve desanimar!

E não desanimará com certeza, pois as obras já principiaram e devem ficar prontas na altura do campeonato máximo.

## Mosaicos nortenhos...

Porquê?  
Sabe-se lá...

Criticou-se asperamente a expulsão do jogador do F. C. P., António Ferreira.

Mas o rapaz, vítima do «zele» alheio, não jogou contra o Académico. Depois, apareceu nos jornais a nota do castigo por um jogo...

Claro que teria de ser mesmo assim. Ou para fazer geito ao árbitro, ou para «salvar» o facto de não haver aparecido no jogo efectuado no Campo de Augusto Lessa — António Ferreira estava condenado.

Já é ter pouca sorte...

Será assim?  
Veremos...

Anunciou-se que o F. C. P. espera de um momento para o outro um treinador argentino, por agora residente em Espanha. O assunto, na verdade, tem-se arrastado, e até há pouco tempo não se sabia bem se os campeões do Norte poderiam contar com o antigo jogador do River Plate. Talvez nesta altura já esteja tudo regulado, e o argentino se encontre em Portugal.

O que não oferece dúvida alguma é a necessidade urgente do F. C. do Porto resolver o seu problema.

7:000  
apenas...

Bem diziamos nós que o ser sócio do F. C. do Porto vai ser coisa difícil, pelo menos por enquanto. A gerência do primeiro clube portuense não quer mais de 7:000, visto que o Campo da Constituição vai comportar apenas 20:000 pessoas.

O F. C. do Porto vai reunir-se por isso em assembleia geral extraordinária, dentro de dias, e pode já avaliar-se o interesse que a mesma está a despertar...

O F. C. do Porto vai reunir-se por isso em assembleia geral extraordinária, dentro de dias, e pode já avaliar-se o interesse que a mesma está a despertar...

Guarda-redes  
a mais...

Oscar, que foi do Boavista para Olhão, pediu a sua transferência para o Académico F. C., mas sem resultado. O «rapaz» considera-se «preso» ao Boavista, por haver regressado ao Porto. Mas o Boavista possui muitos guarda-redes. Mota, Carlos e Santiago, são elementos de primeiro plano...

Sendo assim, não se compreende lá muito bem o motivo porque não há-de Oscar jogar no Académico. Egoísmo? De certeza, diga-se que o clube do Bessa, na verdade, não precisa de tantos homens na baliza.

## TERMINOU O CAMPEONATO!

Com os jogos de domingo último, deu-se por concluído o torneio que se chamou «Taça Associação de Futebol do Porto». Os clubes já conhecidos concorreram em 1.ª categoria e reservas e foram esquecidas as 2.ª, onde pelo menos alguns juniores poderiam experimentar as suas forças.

Não nos parece, entretanto, que se haja procedido bem. Na Capital, o campeonato é disputado pelos clubes nas 3 categorias habituais, e surpreende que o Porto se tivesse desinteressado em 2.ª, grupo onde quasi sempre aparecem rapazes de boa «pinta».

O torneio, por sua vez, breve como foi, não aqueceu os grupos participantes.

Começará dentro de poucas semanas o campeonato grande, nas categorias de honra, mas torna-se necessário que a A. F. do Porto, a quem cabe o dever de zelar pelos progressos do mais popular dos jogos, pense na organização de uma prova destinada a reservas e 2.ª categorias.

A não ser assim, muito jogador de futebol desaparecerá dos campos, com prejuízo manifesto da quantidade e qualidade, com certeza criando embarços aos clubes quando pensarem na renovação dos quadros superiores.

Principiou há pouco mais de um mês a nova época. Não é tarde para pensar na organização de um campeonato que estimule os praticantes novos, e por certo pensa desta maneira a direcção da A. F. do Porto e os clubes.

Os jogos de reserva, mesmo, podem dar receita; e os de 2.ª categoria, não dão prejuízos, de mais a mais se forem agrupados com outros ou vistos pelo público que entre de graça. Seja como for, movimente-se o futebol, fazendo jogar os novos que amanhã possam contribuir para a valorização do jogo.

# O Sporting

realça a figura belenense  
de AUGUSTO SILVA

O Boletim do Sporting, a propósito da homenagem prestada pelo Belenenses ao seu antigo treinador, refere-se ao médio-centro de Amsterdão da seguinte forma:

«Mas Augusto Silva não pertence só ao seu clube. O modestíssimo e valoroso jogador foi, também, médio-centro do «tonze» de Portugal naquele período áureo em que, aquém e além fronteiras, o futebol lusitano se elevou e prestou notavelmente. Nos Jogos Olímpicos de Amsterdão, Augusto Silva teve tardes arrebatadoras, e o seu nome ficou gravado a letras de ouro nos anais do desporto nacional.

Como antigo jogador, como treinador e como auxiliar do seleccionador nacional, o correcto belenense tornou-se digno da nossa admiração. Aqui lhe patenticamos, como homenagem a um desportista que, acima de preferências clubistas, coloca o bom nome do Desporto Português».

# No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

## CORRE QUE...

Para a chamada Comissão de Selecção foi convidado o membro do Conselho Técnico, João de Brito, que, até à hora em que escrevemos, ainda não deu o seu parecer definitivo. Com a sua aceitação, a Comissão ficaria completa.

Um conhecido jornalista e crítico desportivo foi sondado para orientar a Secção de Futebol de um clube lisboeta, mas nada há de positivo sobre o assunto.

O Dr. Virgílio Paula tem assistido a treinos de jogadores, e outro dia teve a seguinte frase: «Precisamos de gente nova...» No passado domingo deslocou-se ao Porto, em missão dos Arbitros e da Selecção.

Viriato, o antigo elemento no União Lisboa e último treinador na Cuf, é homem capaz

de fazer boa obra, como treinador, no Beira Mar.

Armando Carneiro, da Cuf, com uma transferência de 50 contos, irá para o Atlético, o clube que mais procurou e conseguiu esta época reforços, melhorando sensivelmente o seu conjunto. Também Armindo, da Cuf, fez a sua estreia na reserva, no domingo passado.

Veríssimo, o novo elemento do Belenenses, deve abandonar o futebol por causa de um defeito na vista.

## ANEDOCTA

Trecho de uma conversa entre estudantes universitários, em Coimbra.

Dizia-se que o Tavares da Silva não tinha aceitado o cargo de seleccionador por várias razões em que tinha razão... e houve este comentário:

— Ainda bem! Sabem que ele é todo Sporting e pende tanto para os Leões que pensa em deixar de ser o Tavares da Silva para ser o Tavares da Selva?

## ARES DE ESPANHA

A Federação Espanhola decidiu autorizar a importação de jogadores estrangeiros (é por isso que os portugueses estão a ser procurados) para vivificar o futebol espanhol, e a medida tem sido discutida com paixão. O conhecido jornalista espanhol José Maria Ubeda, a propósito da inclusão do argentino Valdivieso no Atlético de Madrid comenta a medida federativa da seguinte forma:

«Em nosso critério, o acerto presidido à abertura dessa brecha em nossas fronteiras desportivas e não pomos mais que uma condição: que os clubes meçam com tanto a qualidade e o preço. Porque o fracasso suporia primeiro um resultado técnico negativo, e economicamente uma alga de já alta cotização que os clubes e jogadores espanhóis estabeleceram no seu mercado.

O Atlético aceita plenamente neste caso e sabemos que determinados fenómenos mais ou menos de guarda-roupa, devem irremediavelmente a estas horas pensando no fácil que vai resultar para os clubes encontrar para lá dos mares homens de classe que trazem as suas desmedidas exigências. Ainda que unicamente por esta razão é plausível a determinação federativa».

A Federação Espanhola dispôs que o Troféu Maria Eva Duarte de Peron instituído pelo San Lorenzo sirva de prémio ao clube vencedor de um encontro que se disputará anualmente entre os campeões da Liga e da Taça, estando em jogo o título de campeão dos campeões.

A posse definitiva do troféu regula-se pelas normas da Taça.

As relações dos dirigentes com os árbitros, em Espanha, dão-se constantemente a conflitos. O

Comité Central de Árbitros demitiu-se há dias e a Federação aceitou a demissão. Motivo de discordância: restrição, por parte da Federação, de muitas localidades que cabiam no campo de acção dos árbitros.

## Há resposta para tudo...

P. 558 — Tenho um colega com quem apostei 20\$00 em como o locutor da E. N., Quadros Raposo, é adepto do Sporting e esse colega diz que é benfiquista. Qual de nós dois terá razão? (De um leonino de S. João da Madeira).

R. 558 — O locutor da Emissora Nacional não tem filiação clubista. Não é do Sporting e muito menos do Benfica. Respondemos — pelo que ouvimos na população associativa dos dois clubes...

P. 559 — Gostava que me explicasse a razão porque Rosário não ingressou no Benfica esta época, visto ser assim o contrato? (De um Águia, de Santiago do Cacem).

R. 559 — As transferências são apreciadas e julgadas pela Direcção Geral. O Benfica, considerando-se lesado, interpsôs recurso. Se quer conhecer a questão e o respectivo recurso em pormenor, leia o último número do órgão oficial do clube.

P. 560 — Se Espírito Santo fosse bem treinado ao centro não acha que seria o melhor avançado-centro português? (De S. Q. Damas, de Cinfães).

R. 560 — Espírito Santo pode ser um bom avançado-centro, mas não o melhor português naquele lugar.

P. 561 — Gostava de saber com que linha alinhou o Sporting em 1940, quando ganhou os três títulos. (De um assinante de Ilhavo).

R. 561 — A famosa linha do Sporting, da época de 1940-41, a dos 3 títulos, era constituída normalmente pelos seguintes jogadores: Azevedo, Barrosa, Cardoso, Paciência, Gregório, Manuel Marques, Mourão, Armando Ferreira, Peyroteo, Pires e João Cruz.

P. 562 — Queria saber quantos irmãos tem o Peyroteo na África? (De J. S. dos Santos, de Ilhavo).

R. 562 — O Peyroteo tem 6 irmãos na África, em Novo Redondo, Benguela, Sá da Bandeira, Silva Porto e Cabinda, e 3 irmãos em Lisboa.

P. 563 — Eu tive uma teima com um adepto do Porto, ao ponto de chegarmos a uma aposta. Eu digo que o Benfica já venceu o Porto por 12-2 e ele teima que não. Só com a confirmação de V. é que se resolve o assunto. (De Manuel Gomes de Pinho, de Oliveira de Azeméis).

R. 563 — O Benfica venceu o Porto por 12-2 no dia 7 de Fevereiro de 1943, no Campo Grande. Alinhou nesse dia com um guarda-redes de recurso e Nunes, hoje no Estoril, foi mandado sair do campo pelo árbitro.

Nota — Manuel Barbitos, de Valinha (Monção) — Já por várias vezes respondemos a perguntas idênticas.

Sebastião Quintela Damas — Só respondemos a uma pergunta.

## CONTA-GOTAS

O árbitro Carlos Canuto foi aplicada a pena de suspensão de 30 dias por não ter reprimido o jogo violento. Mas aos árbitros que procedem da mesma ou de pior forma — que se faz? Valha-nos Deus!

O Clube Sport Martimho completou há dias 37 anos de existência. Verdadeira instituição de desporto — toda a Ilha se revê na sua obra. O Martimho tem dado grandes dirigentes e extraordinários jogadores. Realizando, além de tudo, uma obra social. Hurrah pelo Martimho!

Há jogadores que, ao fazer-se crítica ao seu trabalho, concluem que este é observado à luz de antipatia ou de sentimentos semelhantes. Esquecendo-se que, ao dizer mal do trabalho de um jogador, o crítico deseja que ele jogue bem.

# 5-5

que se discutem...



O guarda-redes estorilista não descansou muito durante o desafio com o Sporting. Eis uma das suas muitas defesas, aos pés de Peyroteo. Eloi está atento



Nova e oportuna entrada de Sebastião, amparado por dois colegas. Peyroteo, encoberto, já desistiu...

# O BENFICA triunfou sem dificuldades



Arsénio é um rapaz com bastante classe. A despeito da oposição do jogador n.º 6 — a jogada pertence-lhe

Fotos AMADEU FERRARI



Alberto não tem a missão de guardar Peyroteo. Mas quando outro colega não está presente — não faz mal um encostostalho... Todavia, Peyroteo suportou-o no mesmo estilo e conseguiu-se para marcar o 5.º «goal», o do empate, já fora do tempo regulamentar. O árbitro deu o encontro por concluído logo a seguir...



Uma jogada no estilo de Albano. Mas o guarda-redes estorilista está senhor da bola e o lance perdeu-se para o pequeno leão



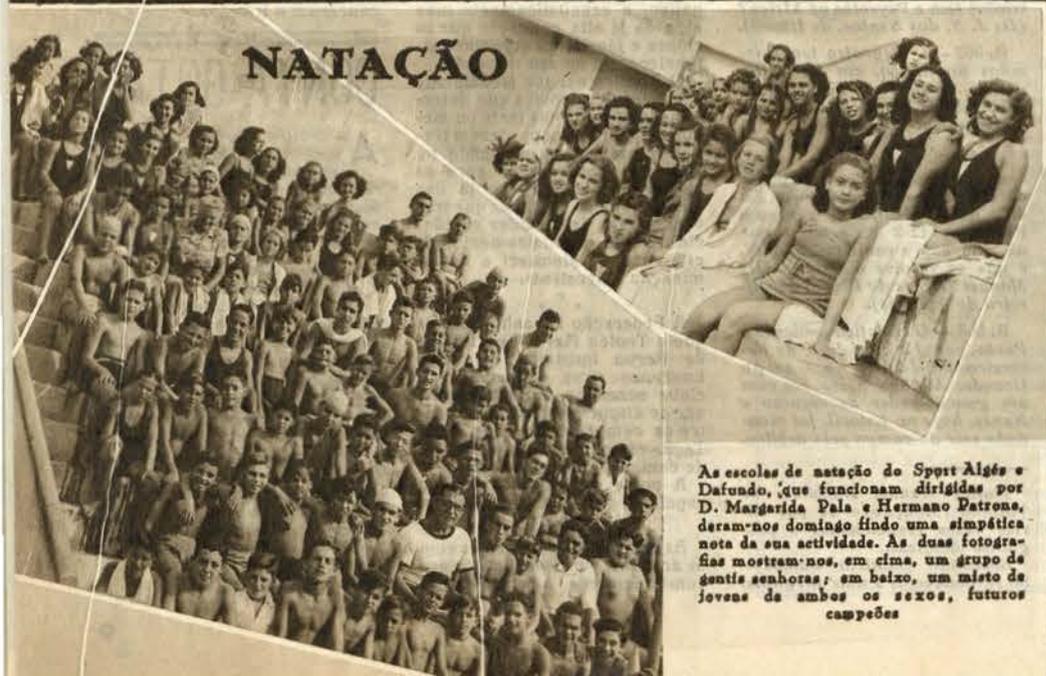
Peyroteo aperta a guarda-redes estorilista. Este defende com a segurança que se aprecia



Reis substituiu Fernando e não defendeu nada mal, a despeito das 7 bolas sofridas. Um exemplo da sua boa actuação



O ataque do Benfica está na brecha. Mas um defensor estorilista, desta vez levou a melhor...



## NATAÇÃO

As escolas de natação do Sport Algés e Dafundo, que funcionam dirigidas por D. Margarida Pala e Hermano Patrone, deram-nos domingo findo uma simpática nota da sua actividade. As duas fotografias mostram-nos, em cima, um grupo de gentis senhoras; em baixo, um misto de jovens de ambos os sexos, futuros campeões

## AS LESÕES DO JOGO

Mas as lesões são naturais, quasi sempre. O futebol não pode perder as qualidades atléticas que possui, embora isso custe alguns dissabores, aqui e além...  
Cá está, por exemplo, uma fase aborrecida, mas uma fase igual a outras, que não agradam ao público mas são inevitáveis. Jesus Correia é assistido pelo seu massagista, Manuel Marques, e denuncia claramente uma impressão de dor. Puro acidente.  
No entanto, o futebol violento não está no habito das boas equipas. Duro — isso sim, porque é atletico e deve ser praticado por atletas, rapazes sempre dispostos a revelar toda a pureza das suas faculdades físicas.  
Que viva o futebol, assim, toda emoção, tão sério como as coisas sérias, mesmo tendo fases no género da que apontamos desta feita...



Um mergulho de Reis, para a frente, sob as vistas de um colega da equipa

# Números elucidativos

**D**e entre os desportos considerados amadores e da classe «dos pobres», talvez seja o hóquei em patins, fazendo fé pelas receitas, o de maior projecção num futuro próximo e que se antevê promissor. Abstraindo, claro, do futebol (mesmo amador) e até de algumas organizações de carácter semi-profissional... Pode, por conseguinte, dizer-se afoitamente que o hóquei em patins, porquanto na modalidade «em campo» é uma verdadeira lástima! — constitui espectáculo, tem público fiel, e, no capítulo de receitas, não está mal situado. Confirmam-no alguns números de que temos conhecimento. A organização dos campeonatos do Mundo e da Europa — bastante dispendiosa por sinal — rendeu para cima de mil contos!!! E o lucro líquido — descontadas todas as despesas, com a vinda e manutenção de seis equipas de diferentes pontos do estrangeiro, com a estadia do grupo nacional em hotel de muito luxo, com passeios, comedorias, deslocações, lembranças, prémios, pagamentos ao pessoal, etc., etc. — dizem-nos ter andado por noventa e seis contos! Que, afinal, foram bem empregados — pois a Federação não se esqueceu dos clubes, distribuindo, a todos, por igual, boa parcela dos proventos recebidos com a sua triunfante queo arriscada iniciativa.

Isto serviu, é bem de ver, para confirmar quanto dissemos sempre: que o hóquei em patins tinha público — e podia contar com ele... Mas somente tarde (em-

bora ainda a tempo!) se acreditou nessa flagrante e consoladora verdade.

Pois é certo: o hóquei em patins — sendo caro, no aspecto de manutenção, encarada a compra de equipamentos e materiais da sua prática — é, dos «desportos pobres», talvez o mais favorecido. Pelo menos um dos mais beneficiados — como está seguramente demonstrado.

Temos presente uma circular bastante clara da Associação do Sul — pela qual se verifica ter sido de 108.448\$50 a receita total do campeonato de Lisboa — 1947 (1.ª divisão) e o saldo apurado (e dividido equitativamente) de 73.387\$30.

Esses dinheiros foram assim distribuídos: percentagens — à Federação 14.705\$80; à Associação, 11.029\$05; ao Paço de Arcos, 10.797\$05; ao Sporting de Oeiras, 9.615\$65; ao Oquei de Sintra, 8.222\$80; ao Cascais, 5.016\$60; à Académica da Amadora, 4.545\$00; ao Futebol Benfica, 3.909\$70; ao Benfica, 3.547\$25; e ao Campo de Ourique, 1.948\$40. Quere dizer: pela Federação e Associação, 25.734\$85; pelos oito clubes, 47.602\$45. E dos 108.448\$50 de receitas foram distraídos 35.106\$20 para despesas: assim atribuídos — Socorro Social, 12.251\$50 (quase 1/4 do que coube a oito clubes com encargos tremendos!!!); árbitros, 5.170\$00; policiamento e pessoal, 8.687\$95; impressos e programas, contribuições e iluminação, 8.996\$75. Todavia — nem tudo são rosas... — o torneio da 2.ª divisão deu pre-

juízo a três clubes: 292\$95 ao Oquei C. P.; 45\$55 ao Ateneu; e 31\$75 ao Naval Setubalense! Apenas dois clubes (Paredo F. C., 113\$20; e Lisgás, 338\$10) ganharam... qualquer coisa — mas muito pouco! Fez-se menos receita (3.988\$00) e as despesas eram certas; como certas estavam, também, as contribuições e impostos e as percentagens para a Federação (208\$85) e Associação (156\$60).

No extenso e bem documentado manancial de números de onde respigamos estes breves apontamentos, notam-se, contudo, mais curiosidades. Assim, por exemplo, registem-se que as maiores receitas dos jogos realizados pelos clubes nos seus rinks e nos de adversários, foram respectivamente, do Sporting de Oeiras (em casa: 25.447\$00) e do Paço de Arcos (fora: 23.650\$50); e quanto aos três encontros, também de maior receita, todos eles da 2.ª volta: Sporting de Oeiras — Paço de Arcos (em Santo Amaro), 7.267\$50; Oquei de Sintra — Paço de Arcos (em Sintra), 6.748\$00; e Oeiras-Cascais (em Santo Amaro), 6.645\$50; no conjunto — as duas partidas somadas — temos como principais Paço de Arcos-Sintra (11.956\$00) e Paço de Arcos-Oeiras (11.244\$00) — tudo, pelo que se infere, com clu-

bes de fora de Lisboa... Ora isto é sintomático e suficientemente elucidativo! Dos três únicos clubes da capital (Benfica, Campo de Ourique e Futebol B-nfica) foi o último quem fez mais receitas: 7.287\$50 (compare-se isto com os 25 contos e pico do Sporting de Oeiras!) em casa e 13.328\$50 nos rinks dos adversários; e o desafio disputado na capital que maior receita produziu (uns escassos 2.581\$00) foi ainda o Futebol Benfica-Paço de Arcos da 1.ª volta, que, na seguinte, rendeu 4.056\$00.

Estes números refletem uma verdade inofensiva: os clubes dos arredores (nomeadamente de Paço de Arcos, Santo Amaro de Oeiras e Sintra) são os que fornecem mais garantias de receita — porque os de Lisboa (e o público, nisso tem grave culpa...) não chamam tantos espectadores pagantes! Questão de simpatia pessoal? Ou de maior número de associados não contribuintes para o espectáculo? Importa, dizer, para conclusão, que no último campeonato o Benfica (apenas com um total de 1.551 bilhetes vendidos!) foi o clube que menos receita fez no seu rink: 6.361\$50. E nas deslocações simplesmente ficou à frente do Sporting de Oeiras (11.960\$50) e do Campo de Ourique (4.307\$50) com 12.924\$00.

Põe-se, portanto, novamente a pergunta: E' tal facto devido ao maior número de associados? Talvez... Porque o Benfica é um clube grande e de grande massa associativa — mas no hóquei em patins parece não ter, presentemente, número suficiente de adeptos que acompanhem a equipa nas suas deslocações...

JORGE MONTEIRO

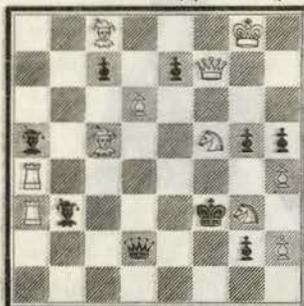
## XADREZ

### O "match" luso-espanhol em problemas de Xadrez

#### a) os duodécimos classificados

##### Tema Portugal

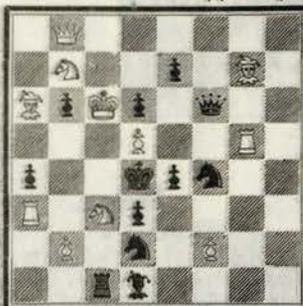
J. Castro e Melo, (Amadora)



Classificação: Seilberger: 2 pontos (11.º); Kipping, 1 (12.º) — 3 pontos

##### Tema Espanha

C. Eleutério Almeida, (Lisboa)



Classificação: Seilberger e Kipping: 1 ponto (12.º) — 2 pontos

O veredicto do juiz C. S. Kipping: (Tema P., Castro e Melo. Solução: 1.Bg1). Há pouca variedade neste problema, mas a variante 1... Df2 é curiosa. (Na variante 1... e6; 2. ce3!, ocorrem os temas Goethart e Pérís (comentário de V. Santos); Tema E., Dr. E. Almeida. Solução: 1.Cxd6: Há uma despregagem de outro cavalo mas não temática. Fraco aproveitamento da Dama.

## NATAÇÃO

### O Algés apresentou as suas escolas, movimentando mais de uma centena de nadadores

**F**iel à tradição, o Algés e Dulando organizou, no passado domingo, o seu festival de apresentação das «escolas», que este ano foi, simultaneamente, de encerramento de época.

Em duas pluceledes sintéticas, afirmamos que o festival do S. E. A. — verdadeira parada de mais de uma centena de nadadores, saídos das suas «escolas» de 1947 — constituía um autêntico triunfo.

Mos não basta fazer tal afirmação. Há, antes, que buscar os seus raízes, que procurar explicar as suas causas. Vejamos.

O Algés possui — no cabo de perto de vinte anos de esforços e conselhos — as primeiras instalações de Península. Atingiu, no capítulo de organização interna, um nível modelar. E, acima de tudo, mantém dois autênticos profissionais: D. Margarida Pala e Hermano Petrone. Todos os profissões são bonitas quando exercidas com competência e dedicação. E permite-se-nos acrescentar que não é a proflissão que faz o individuo, mas o individuo que faz a proflissão.

D. Margarida Pala — para quem temos uma dívida de gratidão em aberto — e Hermano Petrone foram, em nossa opi-

não, os vencedores de domingo passado. O que durante três horas vimos destilar, no espelho verde da piscina de Algés, é o produto das suas oito horas de trabalho diário, é o resultado da sua dedicação pela modalidade. Que, também, pode haver dedicação, sacerdotio até, no exercício de uma proflissão que constitui a base material da nossa vida...

Concretizemos, pois: o Algés pode apresentar um número recorde de nadadores, porque, primeiramente, tratou de conseguir condições para que esses nadadores se pudessem formar. Há, pois, um trabalho honesto, sã, intenso e profundo. E' esta, na nossa maneira de ver, a faceta mais importante, a pôr em relevo, no festival de domingo. E nela consiste também, sapomos, o seu melhor elogio.

Das palavras de referência e de aplauso à ideia que presidiu à realização do festival que, domingo de manhã, se realizou na acolhedora piscina do Batalhão de Sapadores Bombeiros, com a colaboração do Grupo Desportivo da Imprensa Nacional.

Abreu Torres

## NOTA DA SEMANA

A popularidade é uma perigosa sereia que embala e engana para ferir, depois, cruelmente, os seus eleitos, lançando-os no esquecimento mais absoluto.

Com Lindberg, o grande aeronauta americano que numa hora arrojada e feliz cruzou o Atlântico, o sonho, o favor popular atingiu proporções deveras gigantescas. Do homem, modesto mecânico, cuja virtude foi confiar na sua boa sorte e, também, nos seus conhecimentos profissionais, fez um herói de novela. Passados anos esqueceu-o, desprezou-o, viu com indiferença matarem-lhe um filho adorador.

E Carpentier, outro desportista incensado até às nuvens, cujos triunfos consistiam inexgotáveis fontes de alegria para a corte dos seus admiradores — o idolo das medinets e dos apaches de Paris — com que satisfação os espectadores do Vélodrome d'Hiver não presenciarem a sua queda retumbante, despedaçado com fúria iconoclasta pelo negro Siki.

Chegou agora a vez de Cerdan. Recenchegado a Montreal não se calcula que epidemia de admiração está grassando pela capital canadiana. Para corresponder a todos os convites recebidos, Marcel teria que participar diariamente em cinco refeições, durante trinta dias consecutivos. A par disso, os jornais esqueceram os problemas palpitantes de política externa e publicam enormes descrições da sua vida privada, dos seus hábitos e preferências.

Cerdan vai combater brevemente, em Montreal, um modesto jogador americano incapaz de lhe resistir seis minutos. Isto não importa. O que se verifica é esta coisa estupenda: Cerdan já eclipsou o triunfo excepcional que Maurice Chevalier, primeiro, e Lily Pons, depois, tinham alcançado no Canadá.

O forte pugilista marroquino sente-se aterrado com tanta mostra de simpatia. No entanto, é bom não esquecer, como os romanos, que do Capitólio à Rocha Tarpeia vai um breve passo e que a memória das turbas, como a das Mulheres, é frágil e inconstante.

R. B.

# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## FUTEBOL

### EM INGLATERRA

O medo da polícia constitui para muita gente o primeiro degrau da boa conduta. No futebol, a polícia é a descida de divisação, com todas as consequências desastrosas inerentes. Temos exemplo disso, e frisante, na série de triunfos totalizados pelo famoso grupo londrino, Arsenal, que na época finda esteve suando para fugir ao último posto, e aprendeu a lição. Agora, vai na frente do campeonato, invencível, com nove jogos e oito vitórias mais um empate.

O milagre deve-se a Tom Whitaker, que além de ser treinador e preparador, é um enfermeiro excepcionalmente habilitado para tratar dos jogadores lesionados. A sala de electroterapia do Arsenal é das mais bem apetrechadas que existem e ali se realizam milagres.

Embora vitorioso sobre o Burnley (1-0), o clube de Highbury teve muita sorte pelo seu lado, pois se não fora um deslize, único, do trio defensivo do clube vencido e a parede de ferro erguida pelos arsenalistas, o resultado seria diferente.

O Preston North End, Blackpool e os Wolves seguem-no, na ordem indicada, o primeiro a 2 pontos e os demais distanciados de um ponto, apenas, entre si. Preston ganhou, em casa, contra o difícil Manchester United (2-1); o Blackpool venceu pela mínima diferença o Grimsby Town e, por último, os Wolves fizeram outro tanto ao Chelsea, apesar da presença de Lawton nas hostes do clube de Londres, e do seu melhor futebol.

O Charlton e o Stoke City, continuam em maré de azar. O primeiro, ocupa o quarto lugar da cauda e o antigo clube de Matthews bate o recorde de jogadores lesionados, agora com Mountford no estaleiro. Daí a sua posição de penúltimo, cabendo as «honras» da lanterna vermelha no Bolton Wanderers, que outrora brilhou a grande altura.

Quanto ao campeão do ano transacto, Liverpool, está em 10.ª posição, a meio da lista.

O público continua afluindo em massa aos terrenos de jogo e a média geral de espectadores por cada sábado é de um milhão!

### Outros países

Na Suécia, o campeão inveterado, Norrköping, inamovível até agora, está a colecionar sucessivas derrotas. Agora, situa-se a 5 pontos do guia, Malmö F. F., vencedor da Taça da Suécia em 1947. Os componentes da equipa estão-se tornando velhos e não podem com a juventude dos adversários.

Em Itália, também o grande campeão de 1947, o Torino, fraqueja. Perdeu com o Bari (1-0) permitindo que o Juventus, seu eterno rival, se isole à frente da classificação (6 pontos) seguido

do Florença (5 pts.), e Torino, Genova, Livorno e Bari (4 pts.)

Na Checoslováquia, o Slavia e o Sparta estão pouco em evidência. Os primeiros lugares pertencem a Ostrava e aos Boemians.

Na Austria, o Rapid e o F. C. de Wien dominam o lote, enquanto que na Hungria o Ujpest, campeão da época finda, vai na frente, com o Kiepest à ilharga.

### Alguns resultados entre nações

Disputou-se em Amsterdão, o encontro de futebol Holanda-Suíça. Os holandeses conquistaram um triunfo ressonante por 6-2.

Em Oslo, a Dinamarca enfrentou a Noruega e saiu vitoriosa por 5-3.

A Checoslováquia derrotou facilmente a România por 6-2, em Bucarest.

Registe-se a tendência do número de tentos marcados para a cifra oito...

## BOXE

### Max Schmeling voltou ao ringue

Schmeling, apesar dos seus 42 anos, voltou ao ringue e ganhou brilhantemente um combate contra o jovem Werner Wollner, pondo-o *knockout* ao 7.º assalto. Wollner esteve no chão nove vezes e acabou muito contuso na cara.

Aguarda-se para breve o combate entre outro veterano, Walter Neusel, e o actual campeão da Alemanha, Hein Ten Hoff, para se apurar contra quem jogará Schmeling próximamente.

### Ike Williams triunfante

O preto Ike Williams, campeão mundial dos «leves» conseguiu a sétima vitória desde que ascendeu ao campeonato. Agora a vítima foi Doll Rafferty, que, depois de cair na lona duas vezes, terminou K-O no decurso do 4.º assalto. O combate teve lugar em Filadélfia.

### Karel Sys volta de novo à actividade

O antigo campeão da Europa, Karel Sys, belga, que venceu e foi vencido por Olie Tandberg, parece que regressará à actividade pugilística. Acusado de colaborar com os alemães, con-

seguiu que o processo voltasse a ser estudado novamente pela Federação.

### Ezzard Charles émulo de Joe Louis

O tenível negro Ezzard Charles, meio-pesado, conseguiu outro triunfo por fora de combate, graças à violência dos seus punhos. Desta feita, quem lhe tomou o punho foi Lloy Marshall, que em Cincinnati acabou vencido ao 2.º assalto.

### Mauriello não desarma

Tami Mauriello, o vencido de Ebbelts Fielda quando quis conquistar o troféu a Joe Louis, teima em figurar entre os primeiros pugilistas da categoria máxima. Oposto a Georges Fitch acabou com ele em menos de seis minutos.

### Na América

Tony Pellone, que fora indigitado pretendente oficial ao título dos semi-médios, na posse do negro Ray Robinson, perdeu agora, em benefício de Tony Janiro, por pontos, um combate em dez assaltos.

Janiro carece de experiência e não revelou capacidade bastante para ascender ao posto de aspirante a campeão. Nesta conformidade, Robinson já não pôe o título em jogo até 1948.

## TÊNIS

### Pancho Gonzales, um novo astro

No firmamento do ténis surgiu um novo astro que conta sómente 19 anos. É mexicano e chama-se Pancho Gonzales, sendo homónimo, por conseguinte, de outro Pancho, o equatoriano Segura.

Durante os campeonatos orientais do Pacífico realizados em Los Angeles, derrotou o conhecido Frank Parker mas sucumbiu na meia final, ante Tod Schroeder (6-3, 6-3, 6-3).

O outro finalista é Jack Kramer, que dominou Irving Talbert (6-4, 6-2, 6-2).

# OS GRANDES PROGRESSOS da NATAÇÃO

## Alex Jany o melhor nadador de todos os TEMPOS

Europa

Os primeiros campeonatos da Europa após a guerra, que há pouco terminaram em Mônaco, foram dominados pelo extraordinário valor do campeão francês Alex Jany. Graças às proezas sensacionais desse nadador incomparável e também devido ao progresso de conjunto da natação europeia, esses campeonatos atingiram um nível muito elevado, superior ao dos Jogos Olímpicos de 1936. Isto permite esperar, para os jogos de Londres em virtude também do valor dos campeões americanos competições duma qualidade excepcional.

A grande atracção dos campeonatos da Europa devia ser o encontro Jany-Olsson em 100 metros livres. Com efeito, o sueco, durante o verão e o inverno passados, bateu por várias vezes o jovem francês, se bem que este tivesse conseguido, em outros encontros, melhores «tempos». Na realidade, a grande atracção foi a única corrida de Jany, que bateu o seu adversário. De resto, isso era de esperar, devido a grande forma do francês, que, um pouco antes dos campeonatos, percorreu, numa piscina de grandes dimensões, grande bacia, os 100 metros livres em 56" 7/10, batendo, assim, o melhor resultado mundial, em piscina de 50 metros, que era detido, conjuntamente, pelo americano Fick e pelo japonês Yusa, com 57" 2/10. Desde então, era evidente que Jany progredira consideravelmente a partir do inverno. Restava, contudo, uma incógnita: teria Jany dominado o nervosismo que o paralisava quando lhe era oposto um adversário de grande classe? Assim, muito embora superior intrinsecamente a Olsson, este, por vezes, derrotou-o. O mesmo sucedera, nos Estados Unidos, contra Bill Smith, Hirose, etc. Conhecendo Olsson a fraqueza do seu jovem adversário, travou contra ele intilgentemente, durante a semana que precedeu o encontro, uma estudada guerra de nervos. Mas não surtiu efeito, porque Jany, confiando agora nos seus extraordinários recursos, não mais se preocupou com o seu adversário, como se ele não existisse. E desde a primeira série, na qual os dois homens eram opostos, Jany deixou o sueco a 2" 4/10, nadando facilmente a distância em 56" 2/10, batendo na mesma ocasião o «record» da Europa, que ele detinha com 56" 2/10. Esta «performance», realizada numa piscina de dimensões



Mady Moreau, campeã da Europa de saltos de trampolim, na fase preparatória de um dos concursos, demonstra absoluta serenidade

olímpicas, era largamente superior em valor ao «record» do mundo de Allan Ford (55" 9/10), estabelecido numa piscina de 35 metros. Já não restavam dúvidas: Jany possuía agora a força moral do grande campeão. Por outro lado, em poucos meses, melhorara consideravelmente as suas «partidas» e «viragens». A lição dos Estados Unidos fora-lhe útil... Na final, o jovem colosso (18 anos 1/2, 1<sup>m</sup> 91, 98 quilos) ganhou facilmente em 56" 9/10 contra 58" 8/10 a Olsson, 59" 8/10 a Statmary (Hungria) e Miloslavitch (Jugoslavia). Os quatro primeiros classificados da prova nadaram, portanto, os 100 metros em menos de um minuto! Nunca a Europa possuía tão bons «printers» ao mesmo tempo.

Para falar verdade, se bem que não

se duvidasse da vitória de Jany nos 400 metros livres, havia menos certeza do seu valor nesta especialidade. Extremamente brilhante nos 200 metros, como o provava o seu «tempo» de 2' 4" 9/10, realizado na série de 4 x 200 metros «tempo» melhor que o «record» do mundo, em 2' 5" 4/11, faltava, porém, saber se ele era capaz de realizar nos 400 metros proezas comparáveis às que acabava de efectuar em distâncias mais curtas. Mas Jany fez melhor ainda, porque conquistou o título europeu, batendo o «record» do mundo em mais 3": 4' 35" 2/10 contra 4' 38 5/10 do americano Bill Smit. Num ano, Jany melhorara mais de 10" na distância, pois que a 21 de Setembro de 1946 se tornou campeão da Europa dos 400<sup>m</sup> com 4' 45" 8/10, «tempo» este conseguido então, como o de Smith, numa pequena piscina.

Logo em seguida, o húngaro Mitro, apenas com 16 anos de idade, tomou o segundo lugar em 4' 51" 4/10, o húngaro Kadas o quarto, em 4' 51" 5/10, o sueco Ostrand o quinto, em 4' 53" 4/10, etc. Nesta especialidade também, foram muito grandes os progressos dos nadadores europeus.

Na final da estafeta de 4 x 200 metros livres, Jany realizou novamente uma proeza sensacional. Tomando a última estafeta, partiu com um atrezo de mais de 15 metros em relação ao sueco Londen e do húngaro Szatmary. Nadando os primeiros 100 metros em 56" 2/10, Jany voltou como uma tromba e, continuando o seu esforço, alcançou irresistivelmente os seus dois adversários. A alguns metros da meta, era ainda o 3.º, mas, num «esforço supremo, conseguiu bater por uma mão o húngaro que ele vigiava. Intelectualmente, o último nadador da selecção da Suécia, considerada apenas como «outsider», tocou justamente antes do francês, cujo tempo foi de 2' 5" 2/10. As três «equipas» bateram, de resto, o «record» da Europa: Suécia 9' 5/10, França 9' 7/10, Hungria 9' 1", «tempos» de grande classe mundial.

Desde então podia considerar-se como certo que Jany bateria o «record» do mundo dos 100 metros-livres na primeira ocasião. A experiência realizou-se em 15 de Setembro, na piscina de 25 metros de Menton. Apesar de uma evidente fadiga e de uma má viragem, Jany conseguiu na sua tentativa: 55" 8/10 contra 55 9/10 de Allan Ford (Estados Unidos). Pode, todavia, fazer muito melhor: julgo-o capaz de baixar o «record» para 55". Tais proezas

dispensam comentários. Tão forte nos 100 metros, como nos 400 metros, Jany é o melhor nadador que a Europa conheceu. Baterá também, quando estiver disposto a isso, o «record» do mundo dos 1.500 metros. Aliás, é esta a opinião de Minville, seu treinador. Declara que, desde os 100 metros até à travessia da Mancha, o seu discípulo é invencível! Jany é um campeão excepcional da classe dos Nurmi, Tunney, Carpentier, Jess Owens, Gunder Haegg, Joe Louis Sphéridès, Budge, Cerdan e outros.

Além deste grande campeão, outros nadadores brilharam, embora em menor grau, durante esses magníficos Campeonatos da Europa. Convm salientar muito especialmente as «performances» do inglês Romain, vencedor dos 300 metros bruços em 2' 40" 1/10, à frente de Nemeth (Hungria) em 2' 46" 3/10, etc., e de Georges Vallerey (França), vencedor dos 100 metros de costas, em 1' 7" 6/10 (o melhor «tempo» mundial do ano). Estes dois homens são possíveis campeões olímpicos. O mesmo se pode dizer do húngaro Mitro, que conquistou o título europeu dos 1.500 metros em 19' 28" (também o melhor «tempo» mundial do ano). Em virtude da sua grande juventude e da sua classe, é, sem dúvida, permitido fundar as maiores esperanças neste nadador, cujo estilo pouco ortodoxo, é, contudo, muito eficaz.

As senhoras distinguiram-se da mesma forma. A verdade é que serão muito raras as nadadoras que poderão inquietar as campeãs europeias nos Jogos Olímpicos. Muito especialmente as dinamarquesas e as holandesas, dominam a natação feminina mundial. Os 100 metros foram conquistados pela dinamarquesa Nathansen em 1' 7" 8/10, seguida da holandesa Termeuleu em 1' 8" 1/10. As quatro seguintes classificaram-se muito perto, visto que a 6.ª, Schumacher (Holanda), conseguiu o tempo de 1' 8" 8/10. O nível médio desta final foi, por conseguinte, muito elevado. O mesmo sucedeu em todas as outras provas femininas, em que foram vencedoras: K. Mharup (Dinamarca) 400 metros em 5' 19" e 100 metros de costas em 1' 15" 9/10; N. Van Vliet (Holanda) 200 metros bruços em 2' 56" 6/10; Dinamarca 4 x 100 metros em 4' 32" 3/10. Van Vliet nadara, de resto, em série, os 200 metros bruços em 2' 55" 6/10. Contudo, alguns perites consideram o seu estilo irregular.

(Continua na página 19)

Alex Jany, o mais extraordinário nadador europeu de todos os tempos, «recordman» mundial dos 400 metros-livres, em pleno esforço



Nicole Pelissard, campeã da Europa de saltos de alto vôo, num impecável salto de anjo



# Comentários

## À beira de novo ano

Os anos de actividade desportiva raro coincidem com os anos que assinalam e regulam a vida dos homens.

Para a grande maioria dos jogos desportivos de equipa, praticados ao ar livre, o ano principia agora, nestes meses outonais de Setembro e Outubro.

Os praticantes principiam a sua preparação, apressam-se para as competições oficiais; os dirigentes organizam os seus programas e estudam a melhor maneira de alargar seu campo de acção ou como tornar compatíveis seus escassos recursos e suas vastas ambições.

No estado actual do movimento evolutivo do desporto português, todas as modalidades aspiram à internacionalização, não apenas como uma recompensa ao seu esforço passado, mas também e, talvez sobretudo, como o melhor incentivo para o trabalho em busca do progresso e do padrão comparativo indispensável ao juízo sobre o próprio valor.

Nenhuma aspiração mais legítima, tão digna de patrocínio superior. À beira do novo ano de práticas apercebe-se a vantagem em estabelecer desde já o plano dos possíveis projectos, com seus encargos e responsabilidades, a fim de requerer, a quem os possa prestar, os meios necessários à sua execução. Não pode ser à última hora que se solicitam subvenções e créditos para efeitos de representação nacional; porque perdem o seu melhor significado esses auxílios, se não tiver havido, a precedê-los, a mais cuidadosa — e onerosa — preparação.

Não percamos de vista ainda os Jogos Olímpicos de Londres; nada consta sobre as respostas federativas à consulta feita há dois meses pela Direcção Geral dos Desportos, mas com certeza o processo está em organização e em breve saberemos com o que contar.

## Tradição reatada

o Sporting Clube de Portugal foi o primeiro dos grandes clubes propriamente desportivos que organizou e manteve, para benefício dos seus associados, classes de ginástica e com elas apareceu em concursos e demonstrações a ombrear com os institutos especializados em matéria de educação física.

Aureolado pela sua popularidade, o clube dos «leões» contribuiu assim eficazmente para a propagação das práticas ginásticas, até ao dia em que se viu privado das suas instalações e forçado a pôr termo a todas as suas classes. Perda sensível para a prestigiosa colectividade, cuja recuperação preocupou sempre quantos dirigentes por ela passaram nos últimos anos.

Ao entrar na posse da sua nova sede social na Rua do Passadiço,

o Sporting cuidou logo de instalar um ginásio condigno, onde reatar a tradição perdida pela força das circunstâncias. Anuncia-se agora, para fins do mês corrente, a reabertura das classes de ginástica para crianças, adolescentes, homens e senhoras; o acolhimento reveste-se de importância que merece comentário.

Em primeiro lugar, porque a agremiação poderá assim melhor cumprir a disposição legal que a obriga a assegurar a todos os seus representantes em competições desportivas oficiais, a prática regular da ginástica; em segundo lugar, porque nas suas classes infantis e de adolescentes irão os sportinguistas preparar convenientemente as novas gerações, onde recrutar amanhã os elementos precisos à composição das suas equipas.

Com a reabertura das suas classes de ginástica, o Sporting loma com rumo seguro, a rola tranquila do porvir. E, ao mesmo tempo, passa a cumprir integralmente a sua missão educativa.

## O Velo Clube "Os Leões"

A novidade veio pela mão do acaso. Um encontro puramente fortuito colocou-nos em frente de alentejano amigo, pessoa entusiasta do desporto, e do ciclismo em especial. E logo trocadas as primeiras palavras de satisfação pelo inesperado encontro dá-nos a notícia, ainda envolvida no segredo.

— «Os Leões» de Ferreira do Alentejo vão reaparecer...

A recente Volta a Portugal veio activar ainda mais os desejos de fazer reviver o Velo Clube «Os Leões», de Ferreira do Alentejo. O propósito vai por diante. Já foi comprado um prédio onde se está a instalar a nova sede do clube.

Claro que será o ciclismo o desporto número um do clube, como então, mas pretende-se, diz-nos o nosso informador, que o Velo Clube «Os Leões» seja um

clube de ciclismo com todas as características que devem observar-se para se poder apresentar uma equipa de ciclistas em condições perfeitas de actividade. Para se fazerem bons copeões é necessário rodeá-los de todas as condições técnicas e de toda a assistência imprescindível para que a competição resulte numa afirmação de valor atlético.

Eis os propósitos que, de momento, animam os homens que estão fazendo regressar o clube alentejano à sua actividade. A esta ideia não são estranhos os nomes de Cruz Luis, Joaquim Contente, Hedefonso Rodrigues e o próprio Alfredo Trindade, um grupo bem conhecido e que quando o Velo Clube «Os Leões» de Ferreira do Alentejo desenvolveu a sua famosa actividade, lhe emprestaram todo o seu valor de ciclistas de grande plano.



A «maquette» de Mâcon, vendo-se as duas piscinas e as instalações

**D**e toda a importante rede fluvial francesa, é provavelmente o Saône que apresenta mais recursos. Ele não tem, certamente, nem o impetuoso débito do Ródano, nem o comprimento do Loire, nem os rápidos torrenciais do Garona na primeira parte do seu curso, nem a abundância calma dos do Sena.

Mas, a partir da pequena cidade de Gray-sur-Saône, até Lyon, isto é, numa distância de cerca de 250 kms., ele oferece admiráveis comodidades. É largo e profundo. A sua corrente varia de 1 a 5 kms. à hora. As suas águas são claras; desde Châlon até Lyon que nenhuma fábrica as vem sajar. O fundo é arenoso, não se formando nele bancos de areia e de pedras cuja mobilidade prejudica os habitantes das margens do Loire ou do Ródano. A navegação torna-se fácil e segura; mesmo no inverno em que ele sai do leito, com a mesma regularidade que o Nilo, para fertilizar os campos e as praias marginais, continua calma e acolhedor aos barcos de toda a espécie.

O Saône é provavelmente também um dos rios de França mais abundantes em peixe. Nas suas margens, todos os anos, se diverte um verdadeiro exército de pescadores. Enfim, ele oferece aos desportos náuticos todas as possibilidades imagináveis. Nele se pratica o «yachting» à vela e automóvel. Nada-se e rema-se. As sociedades de Remo de Lyon, de Villefranche, de Mâcon, de Châlon, são antigas e prósperas.

É em Mâcon que, desde 1946, os dirigentes e os técnicos da Federação Francesa de Remo decidiram fazer disputar os seus

Campeonatos de França. E é em Mâcon também que terão lugar, em 1946, os Campeonatos da Europa que recentemente, em Lacerne, obtiveram o retambante sucesso que se sabe.

### Instalações para 192 barcos e 900 remadores

Neste momento, a Direcção Geral dos Desportos do Ministério da Educação Nacional e a Federação Francesa de Remo, desejosos de receber dignamente os seus hóspedes, elaboraram um programa de transformação da pista de Mâcon que a tornará, provavelmente, na mais bela da Europa.

O que caracteriza o projecto de Mâcon é que a pista, em vez de ser destinada apenas às grandes manifestações desportivas, estará em serviço durante todo o ano em proveito das Sociedades locais e dos alunos dos estabelecimentos de ensino. A sua conservação lucrará, sendo permanente.

Nas suas linhas gerais, o projecto em via de realiação prevê uma pista para remo e duas piscinas.

Para o remo, utilizar-se-á um rectângulo perfeito, compreendido nas águas do Saône, com 3.000 metros de comprimento por 200 de largura. Isto é dizer que um número de barcos praticamente ilimitado aí poderá encontrar lugar. A corrente, na direcção escolhida, é quase nula. O nível da água, que barragens a algumas dezenas de quilómetros de distância entre si regulam para as necessidades da navegação, é sempre constante.

Para a natção, estão em via

Um exclusivo de «Stadium»  
Serviço de Crónicas «Extinfor»

# A França terá, em 1949, em Mâcon,

a mais bela pista para remo da Europa

Artigo inédito de PIERRE LORME

de construção das piscinas nas próprias margens do rio: uma piscina para a natção desportiva, com 25 metros por 12, m.50, com pranchas e fundo para mergulhos e outra reservada às crianças das escolas, com 16 metros por 12, m.50. O enchimento das piscinas será assegurado por bombas com filtragem.

O conjunto das construções servirá simultaneamente as piscinas de natção e a pista de remo, sem no entanto poder haver confusão entre estas duas categorias de desportistas. Compreende quatro corpos de edifícios dam aspecto arquitectural muito feliz. O remo ocupará três, dispostos em rectângulo não fechado sobre um dos lados, com dois andares. O edifício para os nadadores, em forma de L tem o seu lado mais pequeno que fecha, em parte, o rectângulo do remo.

Os abrigos dos barcos dão acesso a uma rampa que, passando sob um portico aberto no rez do chão, permitirá o seu transporte cómodo até ao cais de embarque. No interior encontrar-se-á uma grande sala de reunião, uma sala de recepção, um «bar», etc. . . .

Alem dos barcos da Sociedade de Regatas de Mâcon que terá aqui as suas instalações permanentes, estas poderão ainda abrigar, quando dos Campeonatos de França, os barcos de 14 Ligas regionais à razão de 14 barcos por Liga, a saber: 5 de quatro lugares, 2 de dois lugares com timoneiro, 5 «skiffs» ou «double scalls»; 2 de oito.

Quando dos Campeonatos da Europa, em 1949, as instalações abrigarão, em espaços separados, os barcos de mais de 25 nações com o electivo seguinte para cada uma delas: 2 de quatro, 2 de «skiffs», 2 de dois, 1 de oito; no total, 192 barcos aí estarão à vontade.

Os remadores não estarão pior do que o seu material visto que as instalações dos vestiários oferecer-lhes-á 900 lugares, 31 «douches», 12 WC com todas as comodidades.

A administração deste vasto conjunto será assegurada, simultaneamente, pela Direcção Geral dos Desportos do Ministério da Educação Nacional, que inclui a sua execução no quadro geral do equipamento desportivo da França, e pela Federação de Remo, organismo técnico.

No plano local, é a Sociedade de Regatas de Mâcon, um clube

antigo, de passado glorioso, de tradições sólidas, que, ao mesmo tempo, o usufruirá e se ocupará da sua conservação de detalhe. Os mesmos encargos incumbirão à municipalidade de Mâcon no que diz respeito às piscinas de natção. A personalidade de Maurice Labroyère, presidente e animador dos regatos de Mâcon, que deu provas como organizador quando dos Campeonatos de França de 1946 e 1947, e a de Agros, um architecto jovem e desportivo que concebeu o projecto, asseguraram a sua execução e são grandes garantias para o perfeito funcionamento deste centro náutico modelo que, no próximo ano, veremos terminado e llamante de novo.

### Entre Bresse e Beaujolais

Isto para o lado técnico e desportivo. Quanto á parte turística, que não se poderia desprezar, visto tratar-se de acolher hóspedes estrangeiros, Mâcon é uma cidade de pouco mais de 20.000 habitantes caprichosamente construída na margem do Saône, nela subsistindo belos monumentos do passado. A sua velha igreja de Saint Vincent, o seu hospital, construído no reinado de Luis XIV, as suas casas de madeira com varandas, o edificio da Academia, são célebres. Situada na grande linha de caminho de ferro e sobre a estrada nacional n.º 7, que liga Paris a Lyon, a Marselha e a Nice passando por outras cidades importantes como Dijon, a Châlon, Valence, Avignon, os usos do turismo são familiares á população e ao comércio local. Apresenta todas as facilidades de acesso, pela via férrea, que pode receber «autorails» especialmente fretados, por estrada e por via fluvial.

Enfim, o Saône tem o privilégio de separar duas regiões de França. Iguamente acolhedoras: a Bresse, com grandes sombras, local de eleição da gastronomia francesa, e o Beaujolais, continuacção do Mâconnais, onde se colhem os vinhos classificados entre os mais reputados de França: o Moulin à Vent, o Fleurie, o Julienas, etc. . . .

Estamos certos de que os remadores que forem a Mâcon por ocasião dos Campeonatos da Europa trarão da sua viagem inúmeras e excelentes recordações, desportivas e turísticas.

Pierre Lorme

Stadium

## DO OLYMPIQUE MARROCAIN PARA O BELENENSES

# JOSE VIEGAS o português que jogava futebol em MARROCOS

em Rabat e lhe apreciava as suas qualidades futebolísticas. Sabia que ao clube de Belem interessaria um jogador com as características de Viegas. A este também não desagravava voltar a Portugal, de onde tinha saído pequeno atleta.

— Como se fez belenense, tão longe do nosso país?

— Em Marrocos, tanto o Belenenses como o Benfica gozam de grande popularidade. Aliás, segue-se com viva curiosidade o movimento do futebol por intermédio da imprensa. E a «Stadium» tem ali muitos admiradores. Do Sporting fala-se menos e, caso curioso, eu julgava que este clube fosse de mínima importância. Afinal verifico que é um dos Grandes com magníficas instalações, um campo soberbo e grande projecção clubista.

Quanto a ser belenense foi uma questão de simpatia, talvez a Cruz de Cristo me atraísse! Hoje, já no seio da família belenenses, estou satisfeito. Aceitei na minha simpatia.

José Viegas, falador, parecia disposto a confidências. E, começamos a falar de Marrocos.

### O Futebol em Marrocos: o Clube Lusitano

— Há em Rabat 14 clubes disputando jogos planos de animação. Entre eles o Stade Marocain, onde principiei a jogar, tinha então 17 anos, e o Olympique Marocain da onde venho.

— Onde o seu lugar na equipa?

— Sempre a interior direito. Alinhei na selecção de Marrocos ao lado de Ben Bareck, em jogos contra o Lille e o Racing Clube de Paris.

— Em Marrocos, o futebol evoluiu?

— Adopta-se o sistema W M, e estuda-se a marcação. Há jogos muito rijos, quase sempre à base de energia e dureza. Mas há bons jogadores, vendo-se marroquinos ocupando lugares nas melhores equipas de França. Exemplos: o Unifim Marrocaïn de Ben Bareck e Aamiri para o Racing de Paris; o WAC cedeu para Bourdeus. Mustafi, e para o Olympique de Marselha, Driess e Salem.

Era até habito no final de cada época os treinadores franceses deslocarem-se a Marrocos para levarem consigo alguns dos melhores. Agora, não. Essas excursões a Marrocos estão proibidas.

— A orientação técnica do futebol marroquino...

— É idêntica à de Lisboa: ginástica e treino três vezes por semana. Mas nota-se por lá falta de treinadores. — Jogadores profissionais?

— Não há; também nesse aspecto o futebol marroquino vive o sistema do português.

Fernando Sá

(Continua na pág. 19)

A alegria de Simão aparece aqui, expressa na vibração da sorte característica no talar do tricórnio com que o cavaleiro desafiou o manso, um dos muitos mansos que ele converte em bravos

## A alegria de SIMÃO e a calma de NUNCIO

BEM aproveitaram os novinhos de António Durão os dois adletores que vão tourear no México e aos quais seguiremos com interesse, por amizade e patriotismo, e para bem informar os nossos leitores. Diamantino e Manuel dos Santos firmaram seus créditos na nocturna da despedida, confirmando suas respectivas características, a da serena valentia do primeiro e a da simpática graça do segundo. Mas, na mesma noite, a do tremor de terra que antecedeu a corrida, firmaram-se também, mais e mais as características dos nossos dois primeiros toureiros equestres — Simão da Veiga e João Nuncio. Ambos estiveram bem, Simão com um manso que lidou a sós, Nuncio num mais voluntário, e os dois, a duo, concluindo por se abraçar no meio da arena e de darem assim a volta, com evidente satisfação dos admiradores de ambos unidos em belo gesto.

Mantem-se entre os dois, há largos anos, uma competição que se prolongará sem solução, tal como os paralelos, que se não encontram por mais que se prolonguem. Simão é o dinamismo que chega ao público para quem toureira no desejo de o não deixar aborrecer, com perfeita intuição do que deve ser espectáculo, sem quebra de continuidade, em permanente criação de novas modalidades, aceitando todas as competições no terreno que lhe oferecem, a cavalo e a pé, com todos os portugueses e até com Domez e Conchita. Como a percentagem de mansos é grande, Simão usa dum sorte que causa orgulhos aos clássicos e aos que pretendam imitá-lo, sem o conseguirem porque aquilo não é assim tão fácil. E cavalos nunca lhe faltam, porque os procura por toda a parte e paga por qualquer preço, e rapidamente ensina e utiliza. E não pára, de Portugal para Espanha, de Europa para América, sem parar e parando o tempo.

João Nuncio é a serenidade, a perfeição, com a qual não lhe interessa chegar ao público, sempre que se não satisfaça a ele próprio e à elite dos conhecedores dos segredos da equitação. Começa a tourear depois de começada a época — estratégia que foi posta de moda pelo seu amigo Juan Belmonte — e Calmita as competições, as aventuras. Não desdenha tirar partido dos touros que não lhe oferecem possibilidades para o seu toureiro, e sofre frequentes vezes da falta de cavalos, justificando-o com a dificuldade de os ter como quer.

Mas na última corrida do Campo Pequeno, apareceu com um cavalo que é sobrinho do seu famoso «Pincelino», isto é primo-irmão do de José Rosa Rodrigues, de boa fami-

lia, enfim. Poderá o cavalo não satisfazer as escrupulosas exigências de João Nuncio, mas a impressão que causou, no público em que nos incluímos, foi admirável.

Que beleza a daquela peça única de cavaleiro e cavalo, burliando o touro com exacta precisão, entrando e saindo das sortes, com rigorosa justiça. Que beleza!

Folgamos poder assim escrever palavras de sincera admiração pelo cavaleiro de Alcácer, e muito nos regostamos com o belo exemplo de camaradagem que ele e o de Pedrogão deram ao touro que lidaram a duo e que terminou com um abraço de ambos. Podem ter surgido incidentes entre os dois, e mas entre os seus partidários, mais acima de tudo estão os muitos anos em que ambos têm lutado pelo brilho do toureiro equestre, os dois sempre à cabeça.

A temporada está a terminar, faltam apenas duas feiras, a de Vila Franca e a de Santarém, e ainda teremos que nos ocupar de Simão e de Nuncio, mas, desde já os felicitamos pela continuidade dos seus esforços para manter o interesse pelo toureiro a cavalo, de que são paladinos, ainda que cada um tenha a sua maneira, o seu temperamento, interessando os seus públicos, a quase totalidade no caso de Simão, a elite de Nuncio.

Que o seu exemplo seja seguido pelos que vieram depois deles.

ROGÉRIO PÉREZ



A calma de Nuncio revela-se logo à saída, no sorriso com que recebe a farpa e os cumprimentos dos que a oferecem e depois, sempre que os cavalos respondem ao que lhes pede, na forma serena de preparar e executar as sortes

José Viegas, o português que viveu em Marrocos e jogou a bola...

O Belenenses, no seu anseio de melhorar o grupo e apresentar um onze ao nível do clube (como se recorta saudosamente o seu team de há três épocas!) tem aproveitado várias oportunidades de aquisição de jogadores. Pereira Duarte, o argentino Manuel Rocha e outros, já fizeram a sua estreia.

Entretanto, um outro elemento se preparava para fazer a sua aparição na linha dianteira belenense: José Viegas, português de S. Braz de Alportel, rapaz vivo, entroncado, de ânimo rijo. Tendo ido aos 7 anos para Marrocos por lá se educou e se conservou, dosando os seus estudos e afazeres com a prática do futebol. Veio agora a Portugal, onde nunca mais voltara, mas já saiu de Marrocos com a direcção do Belenenses. Lá de longe, José Viegas seguia com interesse a actividade do futebol português e... fez-se belenense.

Era natural que procurássemos conversar com José Viegas; embora de feito comunicativo, o novo avançado-centro do grupo de Belem queria esquivar-se...

— Depois do primeiro jogo terei muito prazer em falar com os meus amigos — E não adiantava mais nada.

Numa destas últimas tardes, porém, topamos com José Viegas, tranquillo e sorridente numa tabacaria da Baixa — centro de cavaco de belenenses — semitrando a «Stadium».

O instantâneo foi oportuno. E José Viegas, colhido de surpresa, abandonou a ideia de só falar antes ao primeiro jogo... além disso nós disseramos-lhe de que gostaríamos somente de colher umas impressões suas da actividade do futebol em Marrocos.

— Sim, de tal podemos falar. E tínhamos a entrevista assegurada. Viegas, rapaz culto, falando com facilidade várias línguas, estava destreinado do português pois só o falava em casa com a família. Mas agora já está em forma.

### Dois belenenses em Rabat

A vinda de José Viegas para o Belenenses deve-se a um dedicado amigo do clube que com ele habitava

# Análise da temporada de 1947

## I — Os melhores resultados do ano

Com a nova recusa dos nossos caprichosos visinhos espanhóis a virem disputar em Lisboa o encontro ibérico deste ano, pode considerar-se encerrada a actividade atlética de pista em 1947.

A exemplo dos anos anteriores vamos analisar, nas colunas de «Stadium», o que se passou durante estes meses de primavera e estio para estabelecer confronto com o passado e concluir no que possa interessar ao futuro. Para começar, apresentamos hoje a lista dos dez melhores resultados da época em todas as distâncias e concursos do programa oficial.

**100 metros** — 10,7 s.: Nuno de Moraes (Sp) em 11-5, 20-7 e 3-8; Tomaz Paquete (Bf) em 3-8, 10,9 s.; Eugénio Eleutério (Bf) e Manuel Núnico (FNP) em 20-7, 3-8 e 24-8. 11 s.: M. Myre Dorez (Sp) em 4 e 11-5; Sampaio Peixoto (Ac) em 20-7 e Rui Maia (Sp) em 17-8, 11,1 s.; José Paula (Bf) em 17 e 20-7 e 24-8. 11,2 s.: Jorge Machado (Sp) em 17-8, 11,3 s.; Fernando Ferreira (Bf) em 11-5.

**200 metros** — 22,7 s.: Nuno de Moraes (Sp) em 13-7, 22,8 s.; Sampaio Peixoto (Ac) em 7-9, 23,1 s.; Eugénio Eleutério (Bf) em 13-7 e 7-9, 23,2 s.; Matos Fernandes (Bf) em 13-7, 23,3 s.; Tomaz Paquete (Bf) em 13-7, 23,4 s.; Manuel Núnico (FNP) em 13-7 e João Jacinto (Sp) em 2-8, 23,5 s.; Myre Dorez (Sp) em 13-7, 23,7 s.; Jorge Machado (Sp) em 13-7.

**300 metros** — 36,6 s.: Matos Fernandes (Bf) em 17-8, 37,3 s.; Fernando Casimiro (Bf) em 22-6, 37,5 s.; Luís Rocha (Sp) em 29-6, 37,8 s.; Artur Dias (Sp) e João Jacinto (Sp) em 13-6, 38,3 s.; Tito Duarte (GCS) em 22-6, 38,4 s.; A. Moraes (Ac) em 29-6, 38,7 s.; Chaminié (VFC) em 29-6, 38,9 s.; Mateus (GCS) e João Sancho (Bf) em 22-6.

**400 metros** — 50,7 s.: Sampaio Peixoto (Ac) em 24-8, 51,7 s.; Artur Dias (Sp) em 18-5, 51,4 s.; Matos Fernandes (Bf) em 27-7, 51,7 s.; Domingos Canhão (Sp) em 27-7, 52,3 s.; João Jacinto (Sp) em 18-5, 54,2 s.; Pena da Silva (Sp) em 27-7, 55 s.; Castelo Branco (Sp) em 11-5.

Não há mais marcas registadas.

**800 metros** — 2 m. 1,3 s.: Do-

mingos Canhão (Sp) em 6-9, 2 m. 4,5 s.; Castelo Branco (Sp) e Adriano Gomes (Bf) em 2-8, 2 m. 5,1 s.; Alves da Silva (Sp) em 11-5, 2 m. 6,4 s.; Pena da Silva (Sp) em 13-7, 2 m. 6,5 s.; Nicolau Godinho (Bl) em 11-5, 2 m. 6,7 s.; João Jacinto (Sp) em 11-5, 2 m. 11,2 s.; António Fernandes (Bf) em 21-8, 2 m. 12,2 s.; Leonel Silva (FNP) em 13-7, 2 m. 13,9 s.; Palha da Silva (Sp) em 31-8.

São os únicos tempos registados.  
**1.000 metros** — 2 m. 41,2 s.: Joaquim Branco (FNAT) em 10-8, 2 m. 42 s.; Francisco Lopes (FNAT) em 31-8, 2 m. 42,8 s.; Alves da Silva (Sp) em 15-6, 2 m. 43,2 s.; Adriano Gomes (FNAT) em 10-8 e Fernando Bento (FNAT, Coimbra) em 31-8, 2 m. 43,4 s.; Francisco Bastos (Sp) em 13-6, 2 m. 45,3 s.; Castelo Branco (Sp) e Américo Guedelhas (Bf) em 29-6, 2 m. 45,6 s.; José Araújo (Bf) em 29-6, 2 m. 45,8 s.; António Fernandes (Bf) em 17-8.

**1.500 metros** — 4 m. 10,9 s.: Joaquim Branco (Bl) em 7-9, 4 m. 18,2 s.; Castelo Branco (Sp) em 7-9, 4 m. 19,6 s.; José Araújo (Bf) em 20-7, 4 m. 21,2 s.; Américo Guedelhas (Bf) em 24-8, 4 m. 21,6 s.; Adriano Gomes (Bf) em 3-8, 4 m. 26,5 s.; Leonel Silva (FNP) em 20-7, 4 m. 33,4 s.; José Reis (FNP) em 24-8, 4 m. 41 s.; António Freitas (Bf) em 31-8, 4 m. 41,6 s.; Alberto Ramos (Sp) em 31-8.

Não há mais tempos registados.

**2.000 metros** — 6 m. 1,8 s.: Américo Guedelhas (Bf) em 8-6, 6 m. 6 s.; Álvaro Conde (Sp) e João Bonde (Sp) em 8-6, 6 m. 18,2 s.; Francisco Bastos (Sp) e Alves da Silva (Sp) em 6-4, 6 m. 20,9 s.; António Cabral (Bl), 6 m. 26 s.; Vitor Baptista (Bf), 6 m. 28 s.; Amadeu Rodrigues (Bf).

Não há mais tempos registados.

**3.000 metros** — 9 m. 13,9 s.: Joaquim Branco (Bl) em 4-5, 9 m. 14,1 s.; José Araújo (Bf) em 4-5, 9 m. 14,2 s.; Alves da Silva (Sp) em 4-5, 9 m. 19,5 s.; Afonso Marques (Sp) em 24-8, 9 m. 22,7 s.; Filipe Luís (Sp) em 13-4, 9 m. 25,8 s.; Claudino Martins (Bf) em 29-6, 9 m. 27,8 s.; Manuel Gomes (Bf) em 11-5, 9 m. 30 s.; João Silva (Bf) em 24-8, 9 m. 32,9 s.; Álvaro Conde (Sp) em 29-6, 9 m. 34,2 s.; João Conde (Sp) em 22-6.

**5.000 metros** — 15 m. 38,1 s.: Filipe Luís (Sp) em 6-9, 16 m. 3,8 s.; José Araújo (Bf) em 2-8, 16 m. 8,6 s.; Afonso Marques (Sp) em 13-7, 16 m. 10,5 s.; João Silva (Bf) em 3-8, 16 m. 16,9 s.; Álvaro Conde (Sp) em 13-7, 16 m. 44,2 s.; Manuel Nogueira (Sp) em 3-8, 17 m. 3,3; Leonel Silva (FNP) em 6-7, 17 m. 8,9 s.; José Bento (Ac) em 6-7, 18 m. 26,5 s.; Cândido Pinto (Sp) em 17-8.

Não há mais tempos registados.  
**10.000 metros** — 33 m. 15,2 s.: Filipe Luís (Sp) em 7-9, 33 m. 49,2 s.; Afonso Marques (Sp) em 3-8, 33 m. 53,6 s.; João Silva (Bf) em 3-8, 33 m. 7,1 s.; Manuel Nogueira (Sp) em 3-8, 33 m. 34,2 s.; Galvão Duarte (Bf) em 3-8, 36 m. 28,4 s.; Manuel Gomes (Bf) em 20-7, 37 m. 0,5 s.; Leonel Silva (FNP) em 20-7, 37 m. 25,7 s.; António Carneiro (FNP) em 20-7.

Não há mais tempos registados.

**Barreiras, 110 metros** — 15,8 s.: Fernando Ferreira (Bf) em 18-5, 16 s.; Luís Alcide (Bf) em 27-7, 16,7 s.; Martins Vieira (Bf) em 27-7, 16,8 s.; Helder Sousa (FNP), Fernando Romero (FNP) em 24-8 e Ricardo Durão (Bf) em 27-7, 16,9 s.; Velosa (Bf) em 4-5, 17 s.; Carlos André (Bf) em 4-5 e Manso Azevedo (Sp) em 24-8, 17,4 s.; Seródio Gomes (CIF) em 4-5.

Não se registaram mais tempos.

**Barreiras, 400 metros** — 56,5 s.: Matos Fernandes (Bf) em 6-9, 59,2 s.; Artur Dias (Sp) em 6-9, 1 m. 1,8 s.; M. Mateus (Bl) em 20-7, 1 m. 3 s.; Nascimento Ramos (Sp) em 2-8, 1 m. 4,2 s.; Álvaro Portela (FNP) em 13-7, 1 m. 7,8 s.; Virgílio Bessa (VFC) em 13-7.

Não se registaram mais tempos.

**Salta em altura** — 1,85: Matos Fernandes (Bf) em 31-8, 1,80; Manuel Menezes (Bf) em 7-9, 1,75; Xavier Martins (Bf) em 20-7, 1,73; Cortes de Moraes (Sp) em 1-6, 1,70; João Durães (Sp) em 13-4, Seródio Gomes (CIF) em 20-4, Luís Alcide (Bf) em 4-5, Sousa Dias (Bf) em 11-5, Ramires Ramos (Bf) em 22-6 e Octávio Costa (Bf) em 29-6.

**Salta em comprimento** — 7,34: Álvaro Pires Dias (Sp) em 6-9, 6,74; Luís Alcide (Bf) em 27-7, 6,735; Aguiar da Câmara (Bl) em 15-6, 6,69; João Vieira (Sp) em 24-8, 6,67; Edgard Tamegão (Ac) em 6-9, 6,656; Matos Fernandes (Bf) em 27-7, 6,653; Gabriel Dorez (Bf) em 8-6, 6,455; Moiz Pereira (Sp) em 27-7, 6,445; Pires Monteiro (Sp) em 29-6, 6,40; Fernando Calado (Bf) em 8-6.

**Triplo Salto** — 14,70: João Vieira (Sp) em 7-9, 14,52; Luís Alcide (Bf) em 24-8, 13,50; Eduardo Matos (Bf) em 24-8, 13,35; Edgard Tamegão (Ac) em 6-7, 13,225; Moiz Pereira (Sp) em 13-7, 12,93; Melo Mendes (Bf) em 22-6, 12,87; Francisco Calado (Bf) em 29-6, 12,85; Ramires Ramos (Bf) em 29-6, 12,72; Carlos Oliveira (Braga) em 6-7, 12,66; Álvaro Mendes (Sp) em 22-6.

**Salto com Vara** — 3,50: João Montalvão (EV) em 6-9, 3,40; Martins Vieira (Bf) em 3 e 24-8; Santos

Vieira (Bf) em 27-7, 17 e 24-8, 3,30; José Pica (Bf) em 27-7 e Eduardo Matos (Bf) em 3-8, 3,20; Vieira da Fonseca (Bf) em 15-6, 3,10; Hélio Dias (Ac) em 6-7 e Nuno Moraes (Sp) em 27-7, 3,0; Francisco Miranda (Sp) e Prista Caetano (CIF) em 15-6; David Severino (FNP) em 6-7.

**Lançamento do peso (5 k.)** — 14,93: Emídio Ruivo (Sp) em 13-4, 14,34; Castelo Lopes (Sp) em 29-6, 14,10; José Luís Silva (Sp) em 6-4, 14,03; Nuno Pais (Sp) em 13-4, 13,87; Manuel da Silva (Sp) em 13-4, 13,445; Nuno Barros (Bf) em 29-6, 13,3; Eduardo Cunha (Sp) em 8-6, 12,90; Orlando Monteiro (Bl) e Cortes de Moraes (Sp) em 8-6, 12,85; João Cunha Cabral (Sp) em 8-6.

**Lançamento do peso (Regulamentar)** — 12,97: L. Pinto Basto (CIF) em 18-5, 12,69; Emídio Ruivo (Sp) em 7-9, 11,90; Manuel da Silva (Sp) em 13-7, 11,775; Castelo Lopes (Sp) em 13-7, 11,565; Nuno Barros (Bf) em 14-5, 11,28; Fernando Ferreira (Bf) em 11-5, 10,77; Mário Perdigão (Ac) em 20-7, 10,40; Eduardo Cunha (Sp) em 17-8, 10,33; Alves Leite (Ac) em 20-7, 9,992; Luís Viegas (Ac) em 20-7.

**Lançamento do disco** — 40,20: José Luís Silva (Sp) em 20-7, 40,09; Manuel da Silva (Sp) em 6-9, 38,84; António Tender (FNP) em 13-7, 35,23; Emídio Ruivo (Sp) em 31-8, 34,66; Eduardo Matos (Bf) em 22-6, 34,65; Edgard Tamegão (Ac) em 13-7, 33,35; Fernando Ferreira (Bf) em 30-8, 33,34; Eduardo Cunha (Sp) em 13-4, 33,30; Nelson Gomes (Ac) em 13-7, 33,12; Francisco Miranda (Sp) em 13-4.

**Lançamento do dardo** — 51,45: José Paulo Cardoso (Sp) em 29-6, 48,25; Edgard Tamegão (Ac) em 6-9, 47,57; João Muralha (Sp) em 29-6, 47,19; Jorge Matos (Bf) em 17-8, 46,36; João Montalvão (EV) em 24-8, 44,45; António Rodrigues (Bl) em 17-8, 44,22; Albuquerque (FNP) em 20-7, 42,53; Anselmo Pereira (Bf) em 3-8, 42,39; Carlos Pinto (FNP) em 24-8, 41,98; Fernando Ferreira (Bf) em 27-7.

**Lançamento do martelo** — 41,82: Manuel da Silva (Sp) em 7-9, 41,08; Herculano Mendes (Ac) em 6-7, 33,35; Rui Azevedo (Ac) em 6-7, 30,82; José Luís Silva (Sp) em 13-7, 29,15; Fernando Ferreira (Bf) em 3-8, 27,67; Emídio Ruivo (Sp) em 3-8, 24,50; José Madeira (Ac) em 6-7, 24,48; Nuno Barros (Bf) em 13-7, 24,35; Eduardo Cunha (Sp) em 13-7, 23,55; Mário Perdigão (Ac) em 6-7.

Salazar Correia

Ano V — II Série — N.º 253  
Lisboa, 8 de Outubro de 1947

## FAMALCA

Farinha com extracto de malte e sais de cálcio (isenta de leite)

Mesmo em verdadeiros estados mórbidos do aparelho digestivo a farinha *Famalca* produz magníficos resultados.

A farinha *Famalca* é amilácea, maltosada e com seis orgânicos de cálcio e um poder nutritivo de 385 calorias por 100 gramas.

A classe médica aconselha a *Famalca*, por ser um produto indispensável às crianças e convalescentes

Um produto da Secção Dietética da Fábrica de Chocolates Favorita

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º  
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

**Stadium**

# Os grandes progressos da natação europeia

(Continuação da pág. 14)

Todas estas campeãs têm, evidentemente, as maiores probabilidades de conquistar os títulos olímpicos. Os tempos que realizaram durante os campeonatos da Europa constituem, excepto no que diz respeito aos 100 metros, as melhores provas mundiais do ano. Por outro lado, embora tenham chegado apenas em segundo lugar, duas nadadoras causaram muito forte impressão. São a escocesa Gibson (100 metros de costas em 1 m. 16 s. 5/10 e 400 metros livres em 5 m. 19 s. 8/10) e a húngara Szekely (200 metros brucos em 2 m. 57 s. 9/10). Certamente se voltará a ouvir falar delas muitas vezes no futuro. Para marcar bem os progressos da natação europeia feminina, comparem-se, aliás, aos que os homens realizaram, assinalamos, por exemplo, que nos Campeonatos de 1938 apenas três nadadoras conseguiram nos 400 metros um tempo inferior a 5 m. 35 s. Este ano, houve oito.

Os concursos de saltos foram um triunfo para os especialistas franceses conseguiram três títulos em quatro. Nos homens, Heinkelé (França) venceu o concurso do trampolim, ao passo que o de alto voo foi ganho pelo dinamarquês Christianassen. Nas senhoras, Mandy Moreau (França) e Nicole Pélissard (França) alcançaram os dois títulos. As outras representantes francesas, Jeannette Aubert-Pinci e Lemaitre conquistaram, respectivamente, os 3.º e 4.º lugares no trampolim e em alto voo. Este êxito teria sido ainda maior se o campeão de França, Raymond Mulinghausen, que tinha todas as probabilidades de ganhar nas duas especialidades, não estivesse em inferioridade devido a uma ferida dolorosa.

As vitórias de Heinkelé (que, depois de anos de inactividade e a pedido da Federação francesa, apenas seis meses antes dos campeonatos começou a treinar-se) e de Mady Moreau foram fáceis. Pelo contrário, a de Nicole Pélissard foi arrancada por uma diferença mínima em circunstâncias dramáticas. Antes da última tentativa, a pequena nadadora de Casablanca (Nicole tem apenas 16 anos) não era mais do que a segunda atrás da húngara Irène Zsagot. Para ganhar, era-lhe necessário conseguir perfeitamente o seu último mergulho, um salto de carpa para a rectaguarda. Magnificamente calma, assumiu todos os riscos e executou magistralmente o movimento. Nicole Pélissard era campeã da Europa! Mas, enquanto os espectadores, de pé, a aclamavam, não pôde sair da água e afundou-se. Imediatamente Heinkelé e o inglês Johnston saltaram para a água, mesmo vestidos, e trouxeram-na para a borda da piscina. Durante o seu último mergulho, Nicole rompera uma ligadura...

Com Mady Moreau e Nicole Pélissard, que a uma grande beleza corporal aliam uma brilhante técnica, a França possui duas esperanças olímpicas de primeira categoria.

Quanto ao torneio de water-polo, vencido pelos italianos, demonstrou o nivelamento deste desporto na Europa, quasi todas as equipas sendo da mesma força. A velha superioridade húngara, talvez momentaneamente, está, portanto, terminada. Isto não impede que o conjunto seja muito bom.

Assim, estes campeonatos, durante os quais a França conseguiu seis títulos, tomando desta forma o primeiro lugar, provaram que os nadadores e as nadadoras do Velho Continente desempenharão um papel muito importante nos Jogos Olímpicos, dos quais Alex Jany será a grande vedeta. O progresso na natação europeia, devido principalmente aos franceses e aos húngaros, é notável. O que indica, até certo ponto, que apesar da guerra e das suas consequências, os povos que mais sofreram não perderam a sua vitalidade.

J. G.

## José Viegas

(Continuação da pág. 17)

Há aquiás só constituídas por mouros que, ao disputarem desafios com grupos de europeus fornecem os mais rijos e animados encontros de futebol em Marrocos.

Os portugueses impõem o seu entusiasmo pelo futebol através do seu clube, o Lusitano, que existe em todas as cidades.

Mas trata-se apenas de clubes de amadores que disputam regularmente os seus torneios.

Fala-se depois de ciclismo...

— Há por lá bons ciclistas. Alguns de lá vieram para correr em Lisboa eram meus amigos, o Luiz Longo, Custódio dos Reis, Max André, Driss, Djillali, todos eles gozaram de grande reputação e julgo que em Portugal não a perderam...

— O Luiz Longo já cá não está!  
— Eu sei! As últimas notícias que tive dele eram de França onde havia disputado algumas corridas, conquistando bons resultados. Parece-me que está actualmente na Algeria, correndo ao lado dos melhores profissionais de ciclismo.

— Que lhe parece o futebol português?

— José Viegas que todos os domingos tem ido ao futebol, diz-nos:

— Praticam-se um futebol energético,

BOXE

# PUGILISTAS portugueses

## em Espanha

Estiveram em Madrid quatro pugilistas profissionais portugueses, que competiram com outros tantos espanhóis, na Praça de Touros Monumental, numa sessão nocturna ali celebrada.

Os resultados obtidos foram totalmente adversos aos lusitanos, pois tanto Guilherme Martins como João Rocha saíram derrotados por pontos, Valente Rocha sucumbiu por fora de combate e Beni Levy perdeu por desclassificação. A imprensa do país visinho, comentando o acontecimento, refere-se com pouca simpatia ao comportamento dos jogadores portugueses, principalmente a Beni Levy, a quem acusa de pouca desportividade e de procurar iludir a derrota à custa de sócos baixos voluntários.

Não tendo tido oportunidade de assistir ao espectáculo, fallamos, evidentemente, absoluta autoridade para emitir opinião sobre factos concretos decorridos dentro do ringue. Outrotanto não acontece, todavia, para efeito de análise e crítica das circunstâncias, que vamos fazer em seguida.

Primeiramente, consideramos um lapso ter sido concedido autorização para um combate entre João Rocha, classificado como 2.ª série e o melhor pugilista espanhol «meio-leve» abaixo do campeão; Modesto Asensio.

Asensio, por força, levou todos os trunfos e, possivelmente, o do péo também, porquanto Rocha, a última vez que se apresentou ao público de Lisboa—30 de Agosto último—pesou 57,200 Kg.

A sua derrota foi, por conseguinte, um exame brilhante, em condições muito difíceis, mas que deveriam ter-se evitado.

Guilherme Martins combateu o científico e duro Juanito Martín, que há pouco ostentava, ainda, o título dos «meio-médios» e o perdeu em Valência, contra o marroquino Ben Buker, devido a uma decisão assaz discutida.

Claro que este match merecia as honras de fundo do programa. Martins resistiu os dez assaltos e batalhou tão bem que os madrilenos apreciaram a sua valentia e resistência. Perder por pontos, nas circunstâncias verificadas, é perfeitamente aceitável e não indica inferiorização deprimente.

Martins ostentou o título nacional dos «meio-médios» e sabe defender as suas cores.

Valente Rocha, outro segunda-série que foi oposto a um primeira-série. Mariano Hita, sucumbiu sem glória nem apelo. Ao segundo assalto adormecia por mais de dez segundo. Aqui verificou-se o mesmo erro, já referido ao tratarmos do combate Rocha-Asensio, e julgamos não terem sido acatados os interesses do pugilista português.

Quanto a Levy o caso é perfeitamente normal. Trata-se de um pugilista decadente, que outrora viveu dos seus brilhantes recursos físicos e morais mas de técnica muito pobre. Custa vê-lo sofrer consecutivas punições, embora, como profissional que é, não esteja ligado a qualquer espécie de representação do desporto lusitano, nem mesmo como titular.

Sabemos perfeitamente isso. Todavia para que serve apresentar-lo no estrangeiro como cabeça de cartaz, se é um pugilista sem capacidade de encaixe nem força de golpe e pronto a tornar-se pior de dia para dia?

de boa luta e igual qualidade. Tenho visto jogadas primorosas e que confirmam as informações que me chegaram a Marrocos isto é, de que em Lisboa se jogava muito bem o futebol. Mas os árbitros nem sempre sabem reprimir algumas jogadas com energia a mais...

— Quais os jogadores que mais aprecia?

— Do meu clube: Amaro, Feliciano, Nunes e Serafim. No Benfica: Xico Ferreira e Moreira. No Sporting: Travassos, Albano e Vasques.

— Sobre os grupos?

— O Sporting tem uma boa e poderosa linha avançada; no entanto o Benfica parece-me possuidor de melhor conjunto.

— Os nossos campos?  
— Maravilhosos. Em Marrocos são

todos duros, excepção do relvado de Tanger. Todos os outros são calvos.

— Agrada-lhe o lugar que lhe destinaram no Belenenses?

— Preferia jogar a interior direito, o meu lugar de sempre, mas espero adaptar-me bem.

— Tenciono ficar muito tempo entre nós?

— Faço essas tenções. Gosto disto e espero dar-me bem com o futebol português.

E num sorriso durável:

— Por favor, diga na «Stadium» que espero merecer a simpatia e a amizade de todos os meus adversários e dos desportistas portugueses, visto já ter captado a dos belenenses.

F. S.



**F. C. P.**

novamente

**CAMPEÃO**

O futebol Club do Porto ganhou 5 Taças no último domingo: as de 1.<sup>as</sup> e reservas da A. F. Porto, e uma outra oferecida pelo Sr. Governador Civil, que assistiu à final. Publicamos os dois grupos campeões — categorias de Honra à esquerda e Reservas à direita



Guilhar, com a cabeça, afasta o perigo. Caiado é ágil e rematador...

## ACADÉMICO-SALGUEIROS



O Boavista chegou ao jogo final com o mesmo número de pontos do seu adversário. Perdeu bem, mas pôde impressionar agradavelmente. Tem um bom grupo, o Boavista.



O médio portista Carvalho, tendo Guilhar perto de si, afasta o perigo, ante a ameaça de um adversário.



## LEIXÕES - LEÇA

O Académico não conseguiu ganhar ao Salgueiros. Empataram 3-3. O Leixões, por sua vez, ganhou ao Leça. Com o Porto-Boavista que triunfou novamente — foram dados por concluídos os jogos da «Taça A. F. do Porto». Os clubes portuenses, portanto, arrumaram o seu campeonato. Vão promover outros jogos enquanto não chega o Nacional. Apresentamos duas fases dos primeiros jogos: em cima, um ataque do Salgueiros; em baixo, uma defesa do guarda-redes matosinhense.

## O aniversário da casa H. Vaultier & C.<sup>a</sup>



O G. D. de H. Vaultier está a colaborar com a sua firma na comemoração das «bodas de ouro». Para isso promoveu um torneio de basquetebol, jogando para a «Taça Raul Campos» com o grupo da casa Hipólito, de Torres Vedras. Os dois grupos.